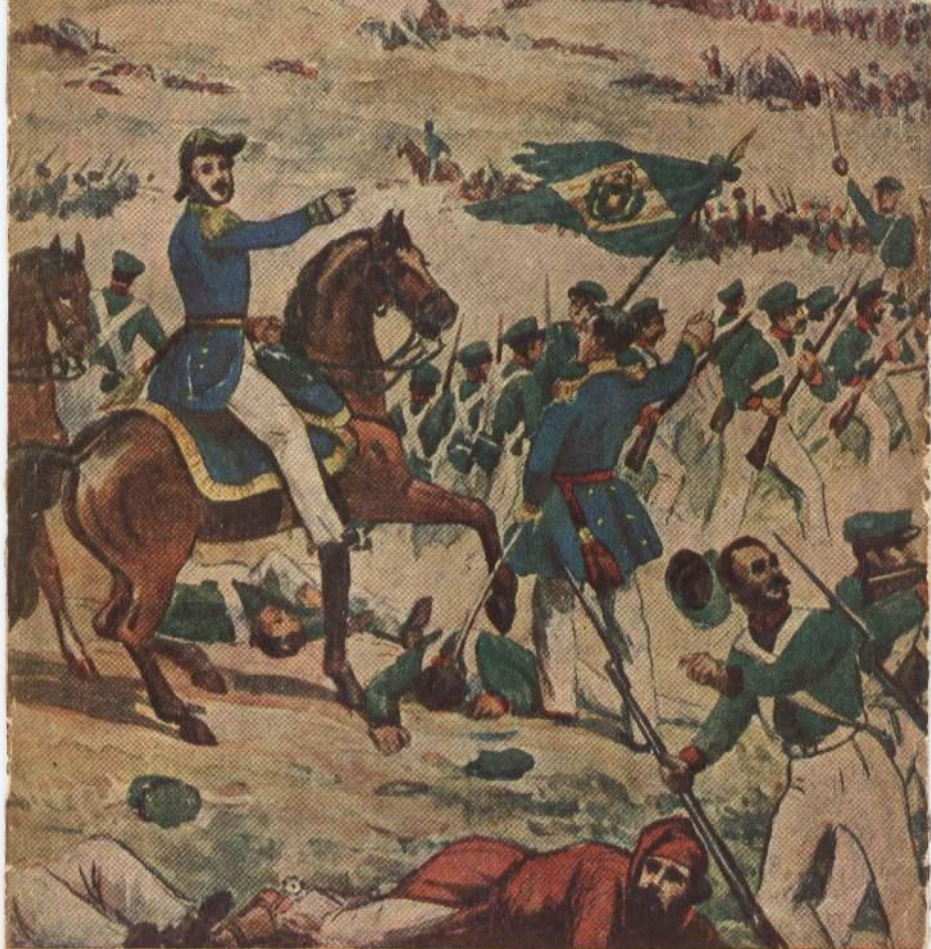
Gustavo Barroso
(João do Norte)
A Guerra do Rosas
Contos e episodios da campanha do Uruguai e Argentina -- 1851-1852
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26
1929
S. PAULO

Gustavo Barroso
(João do Norte)
da Academia Brasileira

A Guerra do Rosas

(Contos e episodios relativos á campanha do Uruguai e da Argentina — 1851-1852)

1.ª EDIÇÃO
(6 MILHEIROS)

COMPANHIA E[illegible]A NACIONAL
Rua dos Gusmões, 26 São Paulo

INDICE

Pags.

"Rozas pensaba en ir á pasear en triunfo las banderas argentinas en las calles de Rio Janeiro, porque se le antojaba una locura el que el Imperio pasearia las suyas en Buenos Aires después de Caseros; como Napoleón pensó pasear sus aguilas en Berlim, más ó menos cuando Guillermo de Prusia fué saludado emperador de Alemania bajo el arco de la Estrella."

(ADOLFO SALDIAS — "*Historia de la Confederación Argentina*").

O MÊDO DE D. JUAN MANUEL

"Sucedió una noche que este trabajo se hacia en pieza iluminada por una vela de sebo, porque no sé que accidente, se apagó estando alli Rosas, quien dió el más horrible grito de terror..."

(SARMIENTO — "*El Censor*").

Manhã. Muita claridade na grande sala da casa de Palermo que servia de gabinete de trabalho a D. Juan Manuel de Rosas. Elle estava sentado, escrevendo, deante duma vasta mesa, sobre a qual havia tulhas de papeis, livros, borradores, collecções de jornaes, cadernos de notas, listas, documentos, processos e objectos de toda a especie. Em volta, em mesas menores, porem não menos atulhadas, uma legião de secretarios. Ninguem trocava uma palavra. Ninguem fumava. Pareciam automatos. Os movimentos eram rapidos, sêcos, machinaes. E todos tinham bigodes negros.

O bigode era um symbolo federal na Argentina de Rosas. Quem o não tinha usava-o postiço ou pintado (1). Os de muitos daquelles secretarios pertenciam a esta especie.

O trabalho naquella grande sala durava noite e dia. Cada doze horas se revezavam os secretarios. Alguns, os de maior confiança, comiam e dormiam alli mesmo. Nos domingos, era a mesma coisa. E, quando havia bailes em Palermo, a parte do edificio destinada á morada do despota quedava ás escuras, menos uma janella, que sempre estava illuminada: a do gabinete de trabalho (2) .

Rosas sabia de tudo, intervinha em tudo, de tudo estava tão informado em materia de politica e administração que o seu chefe de policia achava inutil communicar-lhe alguma coisa (3).

Seus auxiliares — diz Ramos Mejia — estavam tão identificados com elle que adivinhavam o de que precisava, bastando-lhe olhar em certa direcção e estender o braço. Antonino Reyes, Regalao Rodriguez ou qualquer outro escrevente passava-lhe logo o numero da GACETA MERCANTIL, o memorandum ou a epistola que elle desejava, como si completassem o seu pensamento. E jamais erravam.

Naquella manhã a voz sonora de Rosas rompeu subitamente o silencio:

— Chegou o papel florete ultimamente encommendado?

Antonino Reyes respondeu:

— Sim, senhor governador. As caixas fôram entregues esta manhã. De accordo com as ordens de sempre de V. Ex., mandei dois escripturarios conferil-as, contar as rêsmas, pesal-as, correr fôlha a fôlha para devolver as com defeitos.

— Quando terminarmos o trabalho, irei verificar essa conferencia.

— Ella deve durar até a noite, continuou o secretario. São quinhentas rêsmas.

Rosas baixou a cabeça e continuou a examinar documentos. De subito:

— Quantos, senhor? e fitou os olhos azúes em Rodriguez, que, completando por intuição seu pensamento, lhe apresentou uma fôlha de papel e replicou:

— São duzentos e trinta e nove patacões e seiscentos e dez pesos (4).

Proseguio o trabalho silencioso. Somente

as pennas de ganso rangiam sobre o grosso papel official. Rosas ergueu outra vez a cabeça e falou:

— Senhor Reyes, é favor dizer ao fornecedor de pão que separe a minha conta particular da do exercito (5).

E entregou-lhe um papel, accrescentando:

— Que seja a ultima vez que elle faça isto!

O general D. Mañuel Corvalán, ajudante de ordens do governador, que passava o tempo na ante-sala estendido num sofá de caóba, apresenta-se á porta e pede licença. Rosas tira os oculos, limpa-os lentamente com o lenço e indaga:

— Que é?

— Está ahi um enviado de D. Martiniano Rodriguez, que traz uma encommenda do mesmo para V. Ex.

— Mande entrar.

Entrou um gaúcho alto, de bigodões torcidos, de xiripá vermelho, com uma caixa de madeira na mão. Desbarretou-se e disse:

— Senhor governador, D. Martiniano ordenou-me que vos entregasse isto, que V. Ex. já sabe o que é...

— Póde deixar e retirar-se. O general lhe dará dez pesos para a volta.

E, quando o gaúcho saío:

— Senhor Reyes, aqui dentro estão as cabeças dos selvagens unitarios D. Manuel Martinez e D. Pedro González. Mande expôl-as, para escarmento dos loucos e traidores, nos ganchos de ferro da Pyramide! (6).

Remexeu alguns papeis, tomou um e tornou:

— Senhor Reyes, antes de ir dar cumprimento a esta ordem, copie o que lhe vou dictar. E, de accordo com a nota que tinha em mão, dictou o seguinte:

> "Por ter o miliciano Juan Ramos tido a sorte de apanhar e decapitar tres loucos selvagens unitarios, se lhe concede a honra de usar a barba e o bigode dos federaes, testeira e collar vermelhos no seu cavallo, dando-se-lhe ao mesmo tempo o soldo de sargento para toda a vida" (7).

Assignou com um rapido traço de penna.

Entardeceu. Rosas retirou-se para jantar. A turma de escreventes foi substituida por outra. Reyes e Rodriguez jantaram com o amo e sua filha Manuelita. Após a refeição, o governador, seguido por Antonino Reyes e Corvalán, dirigio-se ao aposento onde os seus escripturarios desde a manhã contavam fôlha a fôlha quinhentas rêsmas de papel florete. Fazia calor. A' luz duma vela de sêbo, fraca e tremelicante, cinco rapazes pobremente vestidos, muito moços, porem com bigodes e barbas pintados ou postiços, trabalhavam. O tyranno examinou as tulhas de papel, as fôlhas defeituosas. De repente, disse a Corvalán:

— Abra uma dessas janellas. Está muito quente.

O general escancarou as venezianas. Entrou do pateo uma lufada de ar fresco que apagou a vela incontinenti. Ficou tudo mergulhado na mais profunda escuridão. E o grito de pavor de Rosas varou as trévas:

— Ninguem se mexa! Ninguem se mexa! General, traga luz!

Momentos mais e o general trazia um can-

dieiro, que illuminou a sala. Todos os funccionarios estavam immoveis, hirtos na posição em que a obscuridade os havia colhido. E D. Juan Manuel de Rosas, encolhido a um canto, tremia de mêdo... (8).

---

(1) "...llevaban algunos bigotes naturales y otros los lucían postizos, obedeciendo á las indicaciones oficiales". Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. II, pg. 95. GACETA MERCANTIL, 18 de julho de 1835.

(2) "Cuando el bullicio de la musica y del baile atraia toda la animación de los salones de aquella casa, la incierta claridad que salia de las ventanas del lado opuesto de Palermo indicaba que Rozas trabajaba". Saldias — HISTORIA DE LA CONFEDERACION ARGENTINA, edição La Facultad, 1911, vol. V, pg. 73. Todos os pormenores sobre o trabalho de Rosas, seus auxiliares, etc. fôram fielmente tirados da mesma obra — vol. II, pg. 122 — vol. IV pgs. 103 e 104 — vol. V, pgs. 72, 73, 74 e 77 e da de Mejia, vol. 22, pgs. 91 a 95.

(3) Depoimento de Victorica, chefe de policia de Rosas.

(4) "CUANTOS, SENOR? y el oficial aludido, como movido por un resorte, se levantaba de su asiento, tomaba de entre los ordenados legajos el documento buscado y respondia rapidamente: TANTOS O CUANTOS, EXMO. SENOR". Depoimento do sr. Antonino Reyes citado em Ramos Mejia, op. cit. vol. II, pg. 92.

(5) Saldias — op. cit. vol. V, pg. 72, em nota.

(6) Las cabezas asi desprendidas del cuerpo y conservando aún sus crispaciones, no causaban horror a los ejecutantes. Habiase establecido una especie de tolerancia sensitiva que les permitia manejarlas como qualquer objeto de uso común. Se jugaba con ellas **a las bochas.** Esto es notorio. Y de largas distancias enviaban las de los **salvajes unitarios,** como estimables regalos para el gusto del Restaurador. Por este procedimiento le fué remitida por el comandante accidental del lejano Fuerte Argentino la **del salvaje unitario Domingo Rodriguez,** bien acondicionada **en vinagre y asserrin**

para que los ultimos estertores de la muerte llegaran hasta él tan frescos como fuere posible. Dentro de un pequeño cajón, segun reza la nota del coronel y comandante en jefe de la División del Azul don Juan Aguilera vino a sus manos...". "La del coronel don Pedro Castelli es de igual modo remitida por don Prudencio Rosas al señor juez de paz y comandante militar de Dolores don Mariano Ramirez acompañada de una nota historica en la cual: "con la mas grata satisfacción" envia el famoso regalo afin de ser colocada en medio de la plaza...". Para maiores minucias sobre o assumpto, lêr Ramos Mejia op. cit. vol. II, pgs. 99 a 117. Lêr e pasmar.

(7) No mesmo volume, pg. 99 se acha um decreto similhante passado em favor do degolador Juan Durán. Não inventamos. Plagiamol-o neste episodio.

(8) Sarmiento conta esse pavor de Rosas, ao subito apagar da vela, com todas as letras em EL CENSOR, tomo I, no. 44. Ramos Mejia, cita-o.

O BISPO DAS VACAS

"... uno de los edecanes de Rosas gravemente anuncia la presencia del *Ilustrisimo y Reverendisimo Obispo de las Vachitas*... Expectativa general: don Estanisláo y sus acompañantes no atinan quien pueda ser aquel extraño personaje, Rosas, imperturbable como siempre, grave, teatral, eximio en la tranquila simulación de su sorpresa, se levanta solemnemente y dice sin titubear, *que entre su Ilustrisima...*"

(RAMOS MEJIA — "*Rosas y su tiempo*").

Buenos Aires acachapava-se sob a mão de ferro de Rosas. Tudo o que lhe era contrario desapparecêra pela morte ou pela fuga. Santiago, Montevidéo, Rio de Janeiro estavam cheias de exilados. E a tyrannia alastrava-se, asphyxiante.

A degola e o fusilamento não lhe eram bastantes para acabar de reduzir aquella sociedade á expressão mais simples. Lançou mão de outros meios, dos peores. Fôram-se-lhe todos os escrupulos. E praticou actos innominaveis.

Pôz tudo raso. Somente de pé ficaram a alfandega, que era a mina de oiro, e a tropa, que era a força. Fecha a Casa dos Expostos e reparte as infelizes crianças entre as pessôas caridosas que as queiram receber. Supprime por decreto a vaccina e risca do orçamento a

verba que a custeava. Tira os ordenados dos mestres-escolas, abandonando-os "á caridade dos paes de familia". Cerra as portas do Collegio de Orphans, dos asylos e de todos os hospitaes, cujos habitantes e enfermos são postos na rua para que a piedade publica os proteja. E clausura-se a Universidade — reunião, diz a palavra official, de **mocitos haraganes y logistas.** (1)

Um decreto impôz a toda a gente o juramento de adhesão a Rosas, Illustre Restaurador das Leis. Outro, o uso do uniforme federal — vermelho, até para os ecclesiasticos. Proíbira-se sob pena de morte vestir camisas e jalécos, levar gravatas ou lenços azúes, ou verdes. Tudo era fiscalizado pela policia e até os collegios e escolas particulares dependiam della, que exercia severa vigilancia sobre a côr politica e a qualidade de quantos exerciam o magisterio (2).

No meio de tal chatice, um unico vulto se perfilava — o despota, sultão e califa ao mesmo tempo. Carrasco e histrião, porque, quando não matava suas victimas, divertia-se em chacoteal-as e humilhal-as.

Rosas detestava intimamente D. Estanisláo López, governador de Santa Fé, apesar das provas de fidelidade que este procurava dar-lhe. Escreve a proposito um grande historiador argentino: "A Quiroga seguio-se D. Estanisláo López, já enfermo, porem demasiado proximo para ser-lhe agradavel. Sentio-o um pouco deprimido por sua grave doença e tentou matal-o, não a punhal como o primeiro, mas á custa de desgostos e humilhações. Alem disso, era preciso tentear a resistencia moral do pobre diabo, a reserva de orgulho e de possiveis reacções que ainda guardasse no fundo da alma o altivo conquistador de antanho. Para isso, imaginou uma tragi-comedia completa, na qual o espirito de Culebras e Calandraca, seus dois histriões favoritos do theatro de 1820, tomava com sua remota influencia activa participação" (3).

D. Estanisláo López deixa o seu feudo santafecino e vem a Buenos Aires visitar Rosas, fazer o seu acto de subordinação voluntaria, pedir-lhe o perdão dos varões da familiaReynafé condemnados á morte e a creação

dum bispado para a sua provincia. Essa era a coisa de que fazia maior questão. Tinha vivo empenho em que o governo obtivesse da Santa Sé essa mitra, que destinava á cabeça do veneravel clerigo Amenábar, seu amigo do peito e que o acompanhava sempre. Entretanto, Rosas detestava esse sacerdote pelo seu saber e caracter inteiriço.

O governador de Santa Fé, sua esposa, o referido padre e demais pessôas da comitiva fôram recebidos a certa distancia da cidade pelo capitão do porto da capital, Francisco Crespo, em nome de D. Juan Manuel. Luzida escolta de agaloados hussardos cercou-lhes o côche de viagem, e entraram em Buenos Aires entre fileiras de soldados rubros, que, em guarda de honra, lhes apresentavam armas, e ao som das bandas militares. Na casa destinada á sua hospedagem, esperava-os lauto banquete. Mas o Restaurador não lhes appareceu.

D. Estasisláo esteve cerca de uma quinzena na cidade e não conseguio avistar-se com Rosas. Mesa muito bem servida, homenagens a todas as horas, ordenanças e retretas, tudo

isso elle teve, porem nada de vêr o tyranno e de debater com elle os graves assumptos que alli o traziam. Impacientou-se. Mandou metter os cavallos á sége e partio para sua terra sem se despedir de ninguem.

Sol alto, na Ponte de Márquez, adeante da quinta de Caseros, destinada a marcar a quéda fragorosa do dictador, avista tres carruagens que o seguem a todo galope, levantando nuvens de poeira. Para tristemente, á espera talvez de um máu desfecho.

Os carros detêm-se junto ao seu. Estão cheios de moças e de officiaes falantes e alegres. De um delles apeia-se Rosas, todo risonho, e dirige-se a D. Estanisláo que não cabia em si de espanto:

— Meu grande amigo!

Colhe o velho nos braços e continúa:

— Então, queria ir embora sem vêr-me? Não compreendeu que desejava ter mais tempo para conversarmos e por isso adiei nossa entrevista á espera de uma folga maior dos meus trabalhos Logo que soube de sua partida, não me contive, vim buscal-o. Voltemos todos para Buenos Aires.

E o sequito de López, misturado á comitiva de Rosas, regressa alegremente.

Em Palermo, o zêlo de Manuelita preparára uma mesa sumptuosa. Todos tomaram logar nella. Rosas sentou-se á cabeceira, deu a direita á senhora López e a esquerda a este. Serviram-se as viandas. Espoucou o champanha. Cordialidade. Risos. D. Juan Manuel dá todas as desculpas e explicações possiveis ao velho caudilho, que esquece seus dissabôres e sua propria enfermidade.

D. Estanisláo López aproveita a feliz opportunidade para falar ao tyranno sobre a creação do bispado de Santa Fé. Rosas, que de todos os propositos do outro estava minuciosamente informado pela sua formidavel espionagem, replica-lhe que está de pleno accordo e accrescenta em voz baixa, piscando um olho:

— O padre Amenábar dava um bom bispo, não é verdade?

López concorda, gostosamente.

Nisto, surge á porta do salão, levantando o reposteiro, a figura imponente e bigoduda

do general Corvalán, que annuncia em voz estentórea:

— O Illustrissimo e Reverendissimo Bispo das Vacas!

Toda a gente se entreolha, sorpresa. D. Estanisláo cruza um olhar com o clerigo Amenábar, em que diz do seu estarrecimento. Tranquillamente, Rosas fala:

— Faça entrar Sua Eminencia!

Caminha para a mesa o bufão official de Rosas, o tôrpe mulato D. Eusebio da Santa Federação, de sotaina rubra, uma vassoura como báculo e, enterrada até as orelhas, uma mitra de papelão com dois cornos de vaca cruzados, pintados de preto em fundo amarello. Revirava beatamente os olhos injectados de sangue pelo alcool. A sua cara alvar sorria. Estendeu a mão escura e papuda para D.Juan Manuel, que se curvou e beijou-lhe o enorme annel de lata com um vidro encastoado.

Depois, o despota retomou a sua posição commum, sereno, imperturbavel e theatral. O Bispo das Vacas apanhou na mesa uma ta-

ça de champanha, ergueu-a bem alto e, fitando o padre Amenábar, disse:

— A' sua saúde! meu caro collega! (4)

---

(1) Todos esses decretos constam do REGISTRO OFICIAL argentino. V. Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. II, pgs. 65 a 69.

(2) Idem, pg. 69.

(3) Idem, pg. 49.

(4) Todo esse episodio é tirado da mesma obra, vol. II, pgs. 49 a 52.

VIOLINO E VIOLÃO

"La Resbalosa es la sonata del degüello. Ella imita el movimiento del cuchillo sobre la garganta de la victima, y se canta y se baila a un tiempo."

(ESTÊBAN ECHEVERRIA — "*Avellaneda*" — in nota).

Toda a gente corria para as vizinhanças da pyramide de Mayo, na qual se costumava pendurar as cabeças dos selvagens unitarios degolados nas provincias e remettidas aos juizes de paz pelos executantes. Aquelles logo as mandavam a Rosas de presente. E eram mimos muito apreciados pelo dictador.

Já a praça estava cheia e de toda a parte ainda accorriam, sôfregos, homens e mulheres. Todos tinham qualquer coisa de vermelho na vestimenta. Os primeiros, o lenço, a cinta, a fita do chapéo, a gravata. As outras, a saia, o corpete, o laço dos cabellos. E em côro cantavam o famoso hymno dos Restauradores:

"Ese bando traidor, parricida,
que en diciembre mostró su furor,

sobre ruinas y sangre de hermanos
tremoló su rebelde pendón.

El dispuso en sus bárbaras orgias
cien perennes cadalsos alzar,
el mandó a sus inícuos soldados
a Dorrego y a Maza matar.

Vuelve, pués, adalid valeroso
a regir a este pueblo fiel,
y si acaso la ártera calumnia
tus virtudes quisiera empañar,
tus leales en sangre de inícuos
tal agravio sabrán castigar".

Alguns agentes de policia espalhados no seio da multidão repetiram em tom esganiçado:

"Vuelve, pués, adalid valeroso
a regir a este pueblo fiel..."

Os vivorios ao Illustre Restaurador das

Leis cobriram-lhes a voz aduladora. Depois, outros gritos terriveis vararam o espaço:

— Morram os loucos, asquerosos, selvagens unitarios!

— Morram!

— Morram!

Ao pé da pyramide de Mayo, contida pelos mashorqueiros de camiseta vermelha e armados até os dentes, a arraia miúda formava largo semi-circulo, no meio do qual se via um grupo de homens. Todos vestiam de rubro e brandiam armas, menos um. Este tinha a barba crescida e grandes olheiras muito rôxas. A camisa rasgada deixava-lhe o peito a descoberto. Seu olhar doloroso, mas impávido, fitava a multidão movediça e ullulante. Era D. Manuel Yanel que ia ser executado pela Mashorca rosista por se manifestar contra o tyranno.

Ciríaco Cuitiño, o mais terrivel assécla de Rosas, chefiava o grupo de matadores. Perguntou a um delles que afiava o serrucho nas

pedras do passeio que contornava o monumento:

— A musica já veio?

— Já.

— Então, póde cortar-lhe a cabeça.

O carrasco dirigio-se á victima, segurou-lhe os cabellos, puxou-lhe a cabeça bem para traz e começou a seccionar-lhe a carotida, devagarinho...

Emquanto o corpo, amarrado a um poste de madeira, contorcia-se horrivelmente, a musica tocava a Resbalosa e o poviléo cantava a canção fatidica dos degoladores rosistas:

"El que con salvajes
tenga relación,
la verga y degúello
por esta traición!

Que el santo sistema
de la Federación
se dá a los salvajes
violin y violón!"

O sangue enrubecia o sólo. Os algózes riam. A gentalha cantarolava. Depois, Cuitiño tomou a cabeça livida de D. Manuel Yanel, enfiou-a na ponta de uma vara e gritou:

— Vamos apresental-a ao illustre magistrado federal Alcaide de Barracas, que condemnou o selvagem a uma morte justa!

E caminhou pela praça afóra. A multidão seguio-o, bailando e cantando atraz daquella insignia de terror que se alevantava, de olhos fechados como para não vêr tanta infamia e covardia, acima de todas as cabeças vivas, enfeitadas de vermelho. E a cantiguinha sinistra continuava:

"Al que con salvajes
tenga relación,
varazo y degúello
por esta traición.

Que el santo sistema
de Federación

les dá a los salvajes
violin y violón!" (1).

---

(1) Todos os pormenores deste raconto, nomes, factos, personagens e canções são absolutamente historicos. A primeira versão da cantiga está em Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, edição Atanasio Martinez, vol. II, pg. 118, nota. A segunda em Arturo Capdevila — LAS VISPERAS DE CASEROS, edição Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pg. 49. Para se verificar a veracidade de todas as minucias desta pagina — Mejia op. cit. vol. II, pgs. 115, 118, 178 e Capdevila, op. cit. pg. 49. **Resbalosa** é o nome da faca com que se praticava a degola. Havia tambem o **serrucho.**

O CANDOMBLE' DE ROSAS

"En Navidad y Año Nuevo era cuando los negros y Rosas se reverenciaban mutuamente.

. . . .

Se comia, se bebia, se cantaba y se candombeaba."

(VICENTE ROSSI — "*Cosas de Negros*").

Os negros dominavam completamente a Buenos Aires de Rosas e este amimava-os e protegia-os. Havia mais de vinte mil pretos organizados em poderosas sociedades (1). Os nomes dessas associações eram tão bárbaros como os seus associados: Nación Munonque, Nación Banguela, Sociedad Cambunga, Sociedad Conga, Sociedad Alagungan e dezenas de outras similhantes (2). Ellas conservavam os ritos selvagens da Africa, as hierarchias da Nigricia, os feitiços, as abusões, os costumes das aringas do outro lado do Atlantico. Rosas e sua filha Manuelita eram presidentes ou reis de todas essas corporações vulgarmente denominadas **tambores,** as quaes saíam pelas ruas nos dias de carnaval, tocando suas musicas primitivas, rufando seus atavaques grosseiros, dansando os seus

bailes grotescos e cantando nos ásperos dialectos da Mina e de Loanda seus versos descompassados e tristonhos, estribilhados monotonamente com estrophes gutturaes.

O CARNAVAL DE ROSAS, como toda a gente chamava o carnaval em Buenos Aires, era a festa popular negra por excellencia. Todas as estrambotices e todas as selvatiquezas se davam as mãos nesses tres dias de loucura africana. E o Illustre Restaurador das Leis divertia-se a valer (3).

Nas festas de Natal e Anno Bom, tambem dedicadas aos pretos, não se divertia menos. O despota favorecia os antigos escravos e seus descendentes para humilhar a sociedade portenha, que talvez se sentisse revoltada sob a apparencia do seu torpor, effeito do mêdo. Os negros eram os melhores soldados do seu exercito, formavam sua guarda pessoal, mandavam na sua quinta dos Santos Logares, influiam na administração publica e tratavam toda a gente com insupportavel orgulho. Quem queria uma bôa protecção recorria a uma das velhas e gordas mucamas, todas vestidas de vermelho, que frequenta-

vam Palermo. Eram ellas que recebiam Sua Excellencia nas festas das suas sociedades e nações "com os gritos inarticulados de seus ritos religiosos, com mesuras e piruetas simiescas, que revelavam desenfreada alegria. Poder-se-ia dizer que aquillo era uma especie de nupcias do amo com a plebe cujas entranhas virgens exhalavam cálido odôr de fecundação" (4).

Naquella Buenos Aires rosista, em que tudo era imitação do tyranno — desde as roupas vermelhas e os bigodes postiços até as sotéas das casas, que copiavam as de Palermo, e aos umbús, álamos e chorões dos jardins, que se plantavam porque D. Juan Manuel os amava — a influencia do negro, espião do despotismo nas suas profissões domesticas, marcava bem o baixo servilismo a que fôra levada a sociedade argentina (5).

Nas vesperas de Natal, cada sociedade ou nação de pretos enviava delegações de seus mais conspicuos membros levar a Palermo, a Rosas e Manuelita, seus cumprimentos de Bôas Festas. O sr. governador recebia-as uma

após outra, durante horas seguidas, na grande sala. Não havia musica nem barulho algum. Era um longo, silencioso beija-mão. De pé no meio do salão, tendo a um lado a filha e ao outro a irmã, casada com o general Mansilla, o dictador mostrava a sua máscula belleza. Os seus ondeados cabellos dum ardente louro veneziano brilhavam á luz que entrava pelas altas janellas escancaradas. Os olhos muito azúes exerciam estranho poder de seducção, ora dôces como um velludo, ora queimantes como um caustico, ora parados e baços como uma agua empantanada e venenosa. Tez alvissima (6).

No dia seguinte, Rosas pagava aquellas visitas uma por uma, religiosamente, e á noite comparecia, com a filha, ao candomblé dos pretos, na sua quinta dos Santos Logares (7).

A grande cerimonia fetichista realizava-se deante duma imagem de São Benedicto posta num nicho, na parede.

Muitas moças da alta sociedade acompanhavam Manuelita. Entre ellas, Juanita Sosa, Dolores Marcet, Martina Lezica, Aureliana

Sacristi. Um rufo de caxambú annunciava a chegada dos illustres visitantes e a filha do despota iniciava o baile. Logo após, o rei e a rainha dos pretos desciam de seu throno e alli faziam sentar o governador e a filha. Seguiam-se as dansas de negros e negras, findas as quaes as moças alegremente se retiravam (8).

Rosas ficava só.

Então, começava o ritual bárbaro da macumba. O rei traçava no chão com a ponta da espada o circulo magico de isolamento, dentro do qual o despota se collocava. Rompia o selvatico batuque dos tambores de madeira e barro. A negraria semi-núa, cantando soturnamente, girava-lhe em torno, invocando Changô. De repente, todos paravam. Rosas havia desapparecido. Mais uns minutos e elle tornava á sala, disfarçado em marujo, em soldado, em gaúcho. Uma grande acclamação saúdava-o. E o bailado tôrpe, desengonçado e sinistro proseguia (9).

De repente, um silvo do apito do rei. A ronda selvagem detinha o seu espasmodico movimento. O canto soturno e repetido mor-

ria nos labios grossos e escuros. Rosas estava de novo no meio do circulo magico. Erguia o braço e, imitado por toda a farandola preta, sudorenta e mal cheirosa, fazia o signal da cruz, pronunciando a formula ritual sacrílega tornada obrigatoria pelo seu despotico governo:

— Pelo signal da Santa Federação! (10).

E o côro:

— Pelo signal da Santa Federação!

---

(1) Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pg. 262.

(2) J. A. Wilde — BUENOS AIRES SETENTA AÑOS ATRAS.

(3) Ramos Mejia, idem 263.

(4) Idem, II, 348.

(5) Idem, I, 238.

(6) Idem, I, 40 e II, 257: "Los artistas que en abundantes retratos han magnificado la hermosura de la persona de Rosas no han cometido delito de adulación. No hay divergencia ninguna entre los contemporáneos acerca de la belleza física. No podia haberla, puesto que era demasiado notoria".

(7) Vicente Rossi — COSAS DE NEGROS, Rio de la Plata, 1926, pgs. 81, 82.

(8) Carta de D. Aureliana Sacristi de Cazón, frequentadora dos candomblés de Rosas, a Dolores Lavalle de Lavalle, transcripta por Arturo Capdevila — LAS VISPERAS DE CASEROS, edição Cabaut & Cia. Buenos Aires, pgs. 50 e 51.

(9) Vicente Rossi, loc. cit.

(10) Arturo Capdevila, op. cit. pg. 35.

O PÁU DE SÊBO

"— Vuecencia dispone algunas funciones particulares para las fiestas mayas?

— Póngales los caballitos y la cucaña.

— Nada más?

— No me pregunte tonterias. Usted no sabe que ese 25 de mayo es el dia de los unitarios?"

(Dialogo entre Rosas e seu chefe de policia no drama popular argentino "*Amalia*").

A Buenos Aires plebeia e negra delirava de amor ao seu querido tyranno Rosas. A Buenos Aires culta e elevada já não existia. Fôra exilada do seu lar, ou esmagada pela crueldade e pelo terror.

A côr encarnada, symbolo da superstição federal, dominava por toda a parte. As fachadas das casas eram rubras, as portas, as venezianas, os caixilhos das vidraças côr de fogo. Em todas as sotéas, tremulavam bandeirolas, galhardetes e flammulas vermelhas. Os jornaes estavam cheios de annuncios de venda de insignias federaes e de fazendas punzó, por todos os cantos. E era uma verdadeira epidemia o uso da effigie de Rosas, Illustre Restaurador das Leis.

Copiada do quadro de Monvoisin, do retrato de Descalzi, da veronica de Alais ou do

perfil de Pellegrini, ella apparecia em todos os adornos, em todos os objectos de uso commum, mesmo em alguns mais intimos e menos decentes. Sobre a divisa FEDERACIÓN Ó MUERTE, a formosa figura do despota se mostrava nas pontas dos lenços sanguineos, no canhão ruborizado das luvas, no forro avermelhado dos gorros e sombreiros, nos roseos papeis de carta, nas tampas dos relogios e das tabaqueiras, nos livros de missas das senhoras e nos escapularios das devotas, e, rodeado de nuvenzinhas e de anjinhos — supremo culto —, no fundo dos bacíos... (1).

O exercito era todo côr de sangue. Capdevila escreveu: "Attraía e fascinava a galhardia dos infantes, cujo barrete encarnado completava a nota rubra da camiseta sangrenta e das calças carmezins. Porem os olhares de preferencia se dirigiam para os esquadrões de cavallaria. Alli estavam os valentes soldados das cargas lendarias: amplo e rubro xiripá, escarlate a camisola, esporas nazarenas, lança faúlhante, sabre curvo e, a tiracollo, a clavina curta".

Quem nesse ambiente symbolicamente

enrubecido tinha a coragem de se apresentar com qualquer vestimenta cinza ou esverdinhada que lembrasse o azul dos inimigos da tyrannia federal, era apodado de **burro celeste**, vaiado, maltratado e preso pela policia. Os registros contemporaneos da mesma estão cheios de nomes de desgraçados que, por ignorancia ou teimosia, ousaram saír á rua em tão perigoso traje.

Nos dias de festa nacional, o rigorismo do trajar, das insignias e de todas as manifestações de alegria e gratidão a Rosas subia de ponto. Os mashorqueiros impiedosos velavam pela fiel observancia dos ritos decretados officialmente. E a alma popular descêra tanto, tanto se degradára sob o guante da tyrannia, que se sujeitava ás mais torpes imposições e, cheia de boçalissimo prazer, guaiava pelas vias publicas e praças as maldições sacramentaes:

— "Mueran los desertores de la sagrada causa americana!"

— "Mueran los salvajes, asquerosos, immundos unitarios!"

As festas nacionaes eram celebradas nos dias 25 de maio e 9 de julho. Rosas amava esta ultima data e detestava a primeira. Somente a commemorava para não romper de todo com a tradição. Tudo se resumia a uma formatura das tropas vermelhas, á gentalha cantarolando quadras patrioticas ou aduladoras pelas ruas e a um passeio de Rosas, a pé, pelas proximidades do quartel do Retiro. Alguns populares estendiam-lhe a mão. Outros abraçavam-no. Todos vivavam-no. E elle sorria ligeiramente.

Havia brigas de gallos, com apostas. Certas vezes, corridas de argolinhas. Quasi sempre, muita musica, cavallinhos, páu de sêbo e balões de papel, tal qual nas noites de S. João. Tudo era infantil como si fôsse necessario continuamente considerar o povo como uma criança, ou imbecilizal-o devagarinho...

E Rosas, nem mesmo assim, perdia a menor opportunidade de ferir o mais fundamente que podia os habitos tradicionaes e a propria historia argentina de maneira a fazer lentamente se identificar a vida nacional com elle em pessôa.

Numa das vesperas de 25 de maio, que mandava celebrar todas as vezes de má vontade, o sr. Juan Moreno, substituto na chefia de policia de D. Bernardo Victorica, pedio licença e entrou no gabinete de trabalho do caudilho. Rosas levantou os olhos dos papeis que estudava e cravou-os nelle.

— Senhor, disse o chefe de policia, intimidado, venho receber suas ordens para as commemorações patrioticas de amanhã.

— Qual é a data? indagou Rosas, fingindo esquecimento.

— 25 de maio.

Alguns segundos de silencio. O chefe rompe-os:

— V. Ex. quer que se façam as mesmas coisas de sempre? Argolinhas, balões, retretas, parada, cavallinhos e páu de sêbo?

— Mande pôr somente o páu de sêbo.

Como si ouvisse mal, o chefe de policia atreveu-se a obtemperar:

— Somente o páu de sêbo?

— Sim, somente! concluio Rosas, rispido. Essa data é uma data unitaria. Cumpra as

minhas ordens. Ella não merece mais do que um páu de sêbo... (2).

---

(1) Todos os pormenores desta narração são absolutamente fidedignos. O leitor poderá verifical-os em Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO. vol. II, pgs. 127, 218 etc. e em Arturo Capdevila — LAS VISPERAS DE CASEROS, pgs. 61 e 97. O primeiro diz á pagina 219 do tomo citado: "...retratos rodeados de nubes con ángeles..." E á pagina 127: "...orinar em bacines con el retrato de Rosas...".

(2) Para se assegurar da verdade de tudo o que aqui se conta, abrir ainda LAS VISPERAS DE CASEROS, pgs. 58 a 64. Rosas procedia no caso como um chefe de Estado brasileiro que quizesse amesquinhar o sete de setembro em proveito do quinze de novembro. Cucaña é o nosso vulgar páu de sêbo em castelhano. Mais proximo do francês — mât de cocagne.

O PERIGO DAS MACACHAS

"La *Macacha* fué una mujer superior y celebre en Salta con este diminutivo popular de su nombre. La belleza y los clarísimos talentos con que habia tomado una parte activísima en la politica provincial, la habian constituido en un verdadero personaje. Su hermano, sobre todo, la idolatraba y la tenia por oráculo en todo aquello que le interesaba resolver con madurez y acierto. Y curioso es que la rivalidad permanente con que se hostilizaban, Güemes del lado de los Patricios y Olañeta del lado de los Realistas, coincidia ó habia tenido origen en la rivalidad de la *Macacha* con la *Pepita Marquiégui,* no menos bella y no menos diestra tambien en el manejo de sus grácias y de su ingenio."

(VICENTE FIDEL LÓPEZ — "*Historia de la Republica Argentina*").

A mulher somente existio para D. Juan Manuel de Rosas como esposa e filha. A primeira, D. Encarnación, a HEROINA, viveu endeusada e foi enterrada como uma rainha, os diplomatas abrochados de oiro segurando-lhe as alças do esquife. A segunda foi a sua constante, fiel e desvelada companheira da grandeza ao exilio, matando no coração a semente do amor para não ter no mundo sinão o pae.

Rosas vivia para si proprio e para o seu despotismo, unica coisa que produzio. Formidavel! O seu melhor historiador diz que o perigo feminino era para elle uma quasi obsessão. Sua poderosa vontade, dominando qualquer vibração sentimental, defendia-o de tentações sexuaes. "Guardava de cór — accrescenta Ramos Mejia — muitos casos elo-

quentes de infelizes aventuras que justificavam suas repugnancias". Com effeito, Rosas amando seria Rosas dividindo-se, e elle carecia ser sempre uno para manter o seu regimen. Na vida do despota, o amor seria a morte. Como Napoleão, vencia-o retirando, fugindo a tempo.

Entretanto, comprazia-se, conforme diz Mansilla, em obscenidades de palavras, em "beliscar de sorpresa a perna de uma dama solenne", em fazer emfim qualquer coisa "inesperada e ultrajante" para o sexo, descobrindo os pequenos fingimentos femininos e castigando cruelmente com palavras tôrpes ou com gestos desavergonhados os encantadores tartufismos das mulheres, que detestava. Sempre o burlão impiedoso que procura rebaixar os outros pelo ridiculo, quando os não póde abater pela força, afim de na planicie dos esmagados unicamente se erguer o seu vulto (1).

Quando se falava de amor em presença de Rosas, elle sorria finamente e, depois, contava, como uma lição aos homens de sua casta,

a historia de Pancho Ramirez e de D. Delfina (2).

Era um formoso e tragico episodio das lutas internas da Argentina de antanho. Eis como o narra Vicente Fídel López (3): "A linda mulher que acompanhava o caudilho, no dia da derrota, corria tambem no meio dos fugitivos em desordem. Mas a pobre rapariga, pouco destra no manejo da cavalgadura, foi ficando atrazada. Numa das grandes voltas do caminho, os perseguidores a alcançaram, sabrearam alguns dos fujões e deram com ella em terra. Vendo que era uma mulher joven e bonita, começaram a motejar e pilheriar, emquanto que ella bradava por soccorro. Agora o feito de galantaria de Ramirez. Quando vio que a senhora ficára em poder da soldadesca, retornou sobre seus passos e de ferro desembainhado caío sobre os aprisionadores da dama como um leão furioso. Rodeado pela turba armada que desejava sua vida, foi atirado abaixo do cavallo por um lançaço, mal ferido, morto e decapitado por um indio santafecino, que amarrou ao lombilho a sua

cabeça e levou-a, como precioso trophéo de guerra, ao governador D. Estanisláo López".

A's vezes, D. Juan tambem recordava, sorrindo com ironica piedade, ao lado da "sultana favorita de Ramirez", os dramaticos resultados de outras fraquezas amorosas: as influencias contrarias e terriveis da Macacha e da Pepita Marquiégui nas dissenções saltenhas, os ciumes de Brizuela, impedindo-lhe a acção politica e militar, e mesmo a coparticipação de D. Bernarda Rocamora, de D. Maria Buchardo e de D. Trindade Mantilla na vida publica dos Balcarce. E terminava, sentencioso e theatral como sempre:

— O maior perigo para uma personalidade politica é o das **Macachas**!...

Todavia, como escreve um seu admiravel psychologo, "em vão batêram-lhe a porta mil prestigios, que, seduzidos pela grandeza e pela ambição de compartilhal-a, lhe offerecêram primicias em flôr. Em vão, porque foi impenetravel a toda influencia que pudesse arrancar um sorriso de tolerancia ao enorme poder que saboreava sosinho com serena glutoneria. Como não seria completa a su-

perioridade de seu genio, si até supprimira ou interrompêra as relações mais humanas com soluções de continuidade tão pouco animaes? Mettia-se no fogo como si fôra incombustivel e fugia, quando entendia, sem queimar um pêlo. Sua desavergonhada imaginação parecia gosar mais do que seus sentidos, porque seu prazer maligno era esfolar a honra melhor defendida com uma frase tôrpe. Era capaz de enrubecer a propria falta de vergonha com uma anecdota, guardando a frieza horrivel do eunucho que desperta o desejo sem satisfazêl-o jamais, ao menos com o calor accidental do capricho. Seus divertimentos com as mulheres tinham alguma coisa dos das feras nos momentos de mansa lassitude. Parecia o gato que torna a bola de borracha sua presa e simula fugas e ataques, ou o leopardo que agarra e solta o pedaço de papel que o vento atirou de encontro ás grades da jaula" (4).

Era assim o Rosas amoroso...

Elle rebaixára, acepilhára tudo em redor de si. Era preciso rebaixar, aplainar, reduzir

á expressão mais simples pelo despreso, pelo ridiculo e pelo insulto as almas femininas. Temia o perigo da influencia das **Macachas** e defendia-se com essas burlas enervantes e humilhantes.

Uma das **macachas** que mais desejavam compartilhar o poder rosista frequentava todas as reuniões e festas de Palermo. Como tivesse uma bella voz, cantava, acompanhada ao piano, as mais ternas e apaixonadas VIDALITAS que estavam em moda. Quando as suas queixosas notas enchiam o salão, D. Juan Manuel bocejava longamente. Depois, perguntava a Manuelita em tom que se fizesse ouvir de todos os que lhes estavam proximos, affectando ao mesmo tempo nunca saber de quem se tratava:

— "NIÑA", quem é essa egua que está relinchando? (5).

---

(1) Todos esses pormenores se vêm em Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. II, pgs. 263 a 270.

(2) "Conservaba en la memoria muchos casos elocuentes de aventuras desgraciadas,que justificaban sus repugnancias. La influencia reblandecedora de la **China** sobre el claro espiritu de Ramirez, el poderoso caudillo de Entre Rios, y su

muerte tragica por defenderla no se borró jamás de su espiritu." Idem, pg. 266.

(3) HISTORIA DE LA REPUBLICA ARGENTINA, tomo VIII, e Amedeo Baldrich — GUERRA DEL BRASIL, Buenos Aires, 1905, pg. 64.

(4) Ramos Mejia, idem, pg. 269.

(5) "...don Juan Manuel preguntaba en voz alta **a la niña** — " a que manada pertencia la yeguita que relinchaba?" Ramos Mejia, idem, pg. 262.

LUAR DE SANGUE

"Vé una noche el sereno, un hombre que se paseaba delante de la casa de Rosas. Cerca de allí vivia la joven amada por él. A pesar de la declaración dada por ella, se sospecha del novio y lo fusilan. Ese joven fué Cienfuegos."

(Felix Frias — "*La gloria del tirano Rosas*").

Todas as noites, o joven Cienfuegos, terminados os seus affazeres, cautelosamente se approximava da cêrca do arborizado parque de Palermo e, rente a ella, caminhava pela sombra dos chorões até chegar ao pequeno jardim da moradia de sua noiva. Como a familia desta fizesse opposição ao casamento, os dois somente se podiam vêr ás escondidas. Dahi os cuidados do rapaz. Logo que a gente da casa se recolhia, elle transpunha a sébe e ia conversar á janella com a sua amada, occulto pelos jasmineiros floridos.

Depois que o canhão da bateria da Liberdade dava o signal da cessação de todo e qualquer trabalho e da substituição dos policias, que iam e vinham pelas ruas, por SERENOS ou guardas nocturnos, aquelle vulto se esgueirava pelas cercanias da moradia gover-

namental, infringindo o decreto que proibia a qualquer cidadão andar pelas vias publicas após o referido tiro de peça (1).

Cienfuegos dava provas de grande coragem, passando por aquelles logares a taes horas. Ninguem em Buenos Aires se atrevia a tanto. E só o amor impelle a similhante audacia. Porque, segundo affirmam os contemporaneos, não havia silencio, obscuridade e tristeza comparaveis aos dos arredores de Palermo. No negrume das trevas, brilhavam, como olhos vigilantes, accêsas, as janellas do gabinete de trabalho do dictador. O vento subtilmente ronronava na folhagem dos álamos. E, de longe, vinha o rumor abafado do passo das patrulhas. De momento a momento, se ouvia, distanciada, "com tragico sobresalto, a lúgubre voz dos serenos que cantavam, nas esquinas, conforme o rito federal, seu lamentoso canto de morte. Canto pausado. Canto fatidico. Canto que fazia estremecer":

— Viva a Confederação Argentina!

— Morram os selvagens, asquerosos unitarios!

— Morra o louco, traidor e selvagem unitario Urquiza!

— Já batêram dez horas!

— Viva a Representação!

Certa noite, um sereno seguio aquelle vulto que beirava o parque sagrado, mas perdeu-o na escuridão. Pôz-se á espreita outras vezes. Lobrigou-o e não conseguio alcançal-o. Ficou inquieto. Quem seria e que pretenderia esse individuo sorrateiro nos arredores da quinta do Illustre Restaurador? Pedio o auxilio de alguns companheiros e, ainda assim, o mysterioso personagem lhes escapou. Mas veio o luar. As sombras das arvores escureciam a rua, porem havia abertas muito illuminadas pelas quaes o fugitivo teria forçosamente de passar e que o traíriam. Assim aconteceu. Os noivos não puderam gosar os encantos subtis da luz amorosa e dôce, perfumada pelos effluvios dos jardins floridos. Cienfuegos, ao vir para a casa da noiva, foi agarrado pelos serenos e levado ao chefe de policia.

Submettido a rigoroso interrogatorio, calou-se dignamente. Não tinha o direito de

comprometter a sua amada. Porem esta soube da prisão e, espontaneamente, compareceu á policia, onde declarou os motivos por que o seu querido noivo todas as noites vinha vêl-a com aquellas precauções.

As declarações da rapariga de nada serviram. A policia rosista estava muito desconfiada e o seu chefe levou o estranho caso ao conhecimento do tyranno. Rosas reflectio algum tempo e, como não admittia o sentimentalismo e o sacrificio no amor, disse tranquillamente ao seu preposto:

— Afinal de contas, pelo menos a proíbição de andar as deshoras pelas ruas elle infringio. Embora não se prove sua intenção de praticar qualquer attentado, póde muito bem estar mancommunado com a rapariga. E' suspeito. Pelo sim e pelo não, já sabe o que deve fazer...

No dia seguinte, o luar ainda era mais lindo, mais dormente e mais perfumado. Embriagava de luz e de cheiro. Tinha a belleza tentadora de uma mulher. E á sua poetica claridade, o infeliz Cienfuegos foi fusilado no

pateo do quartel de policia por quatro soldados, sem que lhe valêssem as lagrimas e o desespero de sua desgraçada noiva.

Luar de sangue (2).

---

(1) Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pg. 250.

(2) Para todas as minucias, veja-se Felix Frias — LA GLORIA DEL TIRANO ROSAS, libello publicado em Buenos Aires; Arturo Capdevila — LAS VISPERAS DE CASEROS, Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pgs. 38, 39 e 40.

O TROPHÉO DE MANUELITA

"En Manuelita, mi preciada hija, tienen Uds. una heroina. Qué valor! Si, el mismo de la madre."

(Carta de Rosas ao coronel D. Vicente González, em CARLOS TEJEDOR — "*Bosquejo Historico*").

A grande figura feminina da tyrannia rosista, depois da morte da áspera e fanatica D. Encarnación, foi Manuelita, a NIÑA como a tratava o pae. Alta, esbelta, fartos cabellos castanhos, olhos claros e vivos, inquietos e brejeiros, a bôca frêsca e bem feita, embora grande, a tez pallida como o exigia o romantismo da epoca, não podia ser considerada bella, porem era, sem duvida, graciosa e interessante. Simples e amavel, acolhia a todos com um sorriso franco (1). Ella mantinha na côrte rosina o sceptro que lhe deixára a mãe, com certa coqueteria que agradava. Era um dos melhores instrumentos de Rosas nos seus propositos, agindo feminilmente na sociedade. Por isso, fôra considerada a Columna da Federação, e a Junta de Notaveis já uma vez de publico se pronunciára para

que fôsse proclamada successora do **pae** em qualquer emergencia (2).

No dia do anniversario dessa **jolie-laide,** havia festas de caracter popular, como no dia do anniversario de D. Juan Manuel. Farranchos de homens e mulheres, acompanhados de violeiros e guitarristas, vinham cantar-lhe ao romper da alvorada ou em serenata, sob o florido balcão, trovas deste sabor:

"En el Prado de Palermo
hay esbelta y olorosa
entre nardos una rosa
y es de carmin su color.

Buenos Aires tiene
tambien su heroina,
su flor argentina,
su Virgen del Sol.

Cantad, argentinos,
el dia dichoso,
natal venturoso
de un Ángel de Luz" (3).

Da sociedade em que imperava por delegação de seu pae esse anjo de luz e essa virgem de sol fugiram a elegancia e a distincção. A ralé levára-lhe com seu dominio a promiscuidade e o máu gosto. Era bem a epoca do negro e do mashorqueiro. Nas festas de Palermo, não se dansava mais a valsa lenta e sonhadora, nem floriam as mesuras dos minuêtes fidalgos. A doce e voluptuosa Manuelita fizéra-se a campeã da introducção victoriosa dos bailados populares. E, de envolta com a gente da ultima hora, os remanescentes da culta sociedade portenha de outróra agradavam a Rosa e a Manuelita bailando o gato, o **cielito** e outras contradansas menos nobres... (4).

A parte mais interessante dessas festas no casarão de Palermo era a entrada triumphal de Rosas. Fardado de capitão general como costumava comparecer ás cerimonias civicas, o governador surgia no meio do salão profusamente illuminado montando SUA PATERNIDADE. Era este o titulo que elle dava ao mulato D. Eusebio da Santa Fede-

ração ou a qualquer outro dos seus bufões habituaes. O tyranno não prescindia de jograes e truões como os reis de antanho.

Os convidados alinhavam-se ao longo das paredes, sorridentes, e D. Juan Manuel passava-os — pode-se dizer — em revista, montado naquella cavalgadura exotica. SUA PATERNIDADE, de quatro pés, conduzindo ás costas a carga sagrada, trotava e galopava, ás vezes bufava e relinchava. Depois, punha-se a coices, a upas e a corcovos até que seu cavalleiro o atirava contra uma parede, onde batia fortemente com a cabeça. Rosas, então, deixava-o e tomava parte no baile, emquanto a assistencia, de bôa ou má vontade, morria de riso... (5).

Uma dessas festas foi offerecida aos officiaes dum navio de guerra inglês surto no porto de Buenos Aires. Rosas e Manuelita cumularam-nos de amabilidades. O capitão do barco, o commodoro Flanckland, rendido aos encantos suaves da NIÑA, não a deixou a noite toda. Pela madrugada, pouco antes de terminar o baile, ella disse-lhe:

— Ganhei hoje um presente que me deixou contentissima. Foi um dos mais bellos mimos que tenho recebido na minha vida.

Curioso, o official de marinha indagou:

— Que foi? Tenho curiosidade em saber.

— Adivinhe! exclamou ella, movendo displicentemente o leque.

O capitão levou meia hora a fantasiar coisas raras e riquissimas, sem conseguir atinar com a natureza do mimo. Manuelita sorria. Por fim, disse:

— Já que o senhor não consegue descobrir o que seja, vou mostrar-lhe.

Tomou-o pela mão e guiou-o, através de alguns aposentos, a um pequeno gabinete. Sobre uma mesa de pés doirados, apontou-lhe uma salva de prata. O official recuou com espanto: dentro della havia duas orelhas humanas inteiramente arroxeadas!

E Manuelita com a mais desenvolta graça e o melhor de seus sorrisos:

— Um amigo de papae, vencedor da batalha de Monte Grande, enviou-me este bello trophéo. São as orelhas salgadas dum dos nos-

sos peores inimigos, o coronel Facundo Borda (6).

O inglês não deu uma palavra. Cumprimentou e retirou-se. No dia seguinte, o seu navio levantava ferro.

---

(1) Arturo Capdevila — LAS VISPERAS DE CASEROS, Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pgs. 38 39 e 40.

(2) Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pg. 213; Carlos Tejedor — BOSQUEJO HISTORICO.

(3) Arturo Capdevila, op. cit. pg. 53.

(4) Ramos Mejia, op. cit. vol. II, pgs. 299 - 300.

(5) Esta scena foi presenciada pelo general Guido que a referio a D. Vicente Fidel López e confirmada por D. Bernardo de Irigoyen, segundo se lê em Ramos Mejia, op. cit. vol. II, pgs. 298 - 299.

(6) A historia das orelhas salgadas do coronel Borda, enviadas a Manuelita depois do combate de Famaillá ou de Monte Grande está no poema de Echeveria — AVELLANEDA, na ultima nota do canto II. Leia-se a proposito Capdevila, op. cit. pgs. 50 e 51. Segundo Baptista Pereira — CIVILIZAÇÃO CONTRA BARBÁRIE, S. Paulo, 1928, pg. 115, o THE BRITANNIAN de 25 de julho de 1842 relatou a scena entre Manuelita e o capitão Flanckland. A voz sobre as orelhas era tão corrente que os romances francêses de cordél ou os folhetins europeus da epoca pintavam a gentil filha de Rosas colleccionando em rosarios as orelhas de seus namorados, conforme se póde verificar na obra citada de Capdevila, ás pgs. 48 e 49.

A FESTA DA MASHORCA

"... la señorita Manuelita de Rosas, digna hija de nuestro Ilustre Restaurador de las Leyes y la respetable familia de S. E. daban realce con su presencia al esplendor de estas festividades federales. Tambien asistieron otras señoras distinguidas..."

(GACETA MERCANTIL, n.º 4834).

O CLUB DA MASHORCA e a SOCIEDADE RESTAURADORA festejavam publicamente, com grandes manifestações, o anniversario de Rosas. Buenos Aires engalanára-se toda. As ruas estavam atapetadas de fôlhagens e flôres. Arcos de triunfo erguiam-se nas esquinas. E de meia em meia hora a bateria da Liberdade disparava um tiro.

As duas sociedades promotoras de taes demonstrações eram compostas do que havia de peor na capital argentina. Chefiadas por individuos capazes de tudo como o ex-frade Ravelo, Santa Coloma, Ochoteca, o protegido de D. Encarnación, cujo riso sinistro gelava os corações, ellas tinham preparado o advento do tyranno e o sustentavam no poder, espalhando o terror. Sua audacia era tal que entravam na alta sociedade e na propria Sala

dos Representantes, para ameaçar de morte áquelles que demonstravam a menor má vontade contra seu idolo. E, juntos aos magarefes do Matadouro, eram os carrascos das chamadas execuções populares ao som da horrenda cantiguinha da **Resbalosa** (1).

O grande prestito de manifestantes mashorqueiros organizou-se na rua da Bôa Ordem e dalli partio para Palermo. A' frente, rompendo a marcha, um esquadrão carmezim de cavallaria, os Dragões da Policia, desembainhados e refulgindo os cambaios e afiados sabres. Depois, o pessoal do Matadouro, homens e mulheres — aquelles de "brazos y pechos desnudos, cabello largo y revuelto, con el rosto y la camisa llenos de sangre", estas "negras y mulatas hachuradoras" (2). Uma banda de musica tocava seguidamente o Hymno dos Restauradores e, lendo os versos de Rivera Indarte distribuidos com profusão em fôlhas sôltas, o populacho cantava:

"Ah! cobardes temblad: es en vano
agoteis vuestra saña y rencor

que el Gran Rosas preside a su pueblo
y el destino obedece a su voz".

Uma agitação de bandeiras rubras. Quando o vento as desfraldava com mais força, podiam-se lêr os seus disticos sectarios: "Ao Maior dos Portenhos!" "Ao Maior Genio da America do Sul!" "Ao Nosso Valente Defensor!" "Ao Protector e Advogado da Dignidade e da Honra da Patria e da America!" "Ao Muro de Bronze da Santa Causa Nacional da Federação!" "A' Ancora de Salvação do Santo Systema!" (3) As insignias das parochias traziam os titulos do despota: Brigadeiro-general, Illustre Restaurador das Leis, Heroico Defensor da Independencia Americana, Heróe do Deserto, Pae da Patria.

A effigie de Rosas era conduzida num andor por quatro juizes de paz, solennemente, rodeada dos mais preeminentes mashorqueiros. Seguiam-se-lhe as sociedades de negros e outro pelotão de cavalleiros encarnados fechava a marcha do cortejo. Deante do casarão de Palermo, a multidão se deteve. Rosas assomou a um balcão. Fardada de azul e oiro,

sua pessôa bem tratada demonstrava saude e esmerado asseio. A face masculinamente bella não lhe traía a idade. Um de seus panegyristas affirma que com cincoenta e quatro annos parecia mal sair da juventude (4). Começava a engordar.

Sorrio aos manifestantes.

Um dos juizes de paz, então, tirando o chapéo cintado de vermelho, clamou:

— Que os bons federaes, agradecidos aos importantes serviços prestados pelo nosso Heróe, me acompanhem com suas vozes patrioticas!

E desfiou o rosario das maldições sacramentaes, que o formidavel côro de milhares de individuos alli adensados repetio ameaçadora e terrivelmente:

— Morram os selvagens, asquerosos, immundos unitarios!

— Morram os que intentem conspirar contra Rosas e quem não gostar que arrebente!

— Morram todos os impios estrangeiros e monstros unitarios!

— Morram, degolados como carneiros, to-

dos os inimigos do nosso amado Restaurador!

— Morram os impios, selvagens unitarios!

— Morra a asquerosa canalha unitaria!

— Morra a nefanda sevandija!

— Morram os perros unitarios!

— Morram os demonios depravados!

— Morram os perfidos assassinos parricidas! (5).

Silencioso e hieratico, Rosas ouvia a ladainha bárbara, intimamente se babando de goso. E os gritos selvaticos, como estranhas maldições dum rito fetichista, varavam o ar.

Calaram-se de repente as vozes. As bandas tocaram o hymno nacional. Ao longe, na cidade inteira, todos os sinos de todas as igrejas repicaram alegremente. E, deante das janellas e balcões de Palermo, cheios de uniformes e de plumas, de damas da sociedade e de altos militares, de congressistas e de magistrados, brandindo a sua alta vara de tambor mór, chefe de uma das guardas de honra populares do tyranno, o coronel D. Joaquim Ramiro bradou estentoreamente:

— Viva D. Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rosas! (6).

E uma estrondosa acclamação abalou o espaço.

As portas de Palermo abriram-se ao poviléo que invadio as salas, rodopiando em delirio, atirando-se ás comedorias e bebidas. No salão de honra, as senhoras e senhorinhas rodeavam Manuelita, muito alegre. A negraria e os magarefes circularam-nas a sorrir, com gracejos. Lá fóra, estrugiam os foguetes, bimbalhavam os sinos, roncavam os canhões da bateria da Liberdade. As bandas atacaram as contradansas e cada homem do povo tomou nos braços a sua dama da alta roda, para bailar. Nupcias da canalha com a aristocracia. Bôdas humilhantes presididas pela bella figura sorridente de D. Juan Manuel.

Um mulatinho soéz, desdentado e torto, a rescender suor velho, approxima-se de Manuelita, faz-lhe primeiro uma mesura esconsa e, depois, com democratica insolencia, diz-lhe simplesmente:

— "Una vueltita federal, NIÑA?" (7).

E os dois rodam enlaçados pelo grande salão...

---

(1) Bormann — ROSAS E O EXERCITO ALLIADO, Rio de Janeiro, 1912, vol. I, pgs. 51 etc.

(2) Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pg. 248.

(3) Idem, vol. II, pgs. 15 e 32, e MANIFIESTO DE LOS EMPLEADOS EN LA POLICIA DE BUENOS AIRES de 19 de agosto de 1839.

(4) Saldias — HISTORIA DE LA CONFEDERACIÓN ARGENTINA, La Facultad, Buenos Aires, 1911, vol. III, pg. 306.

(5) Ramos Mejia, idem, pg. 17 e as acima citadas.

(6) O nome por inteiro de Rosas vem em Saldias, op. cit. vol. I, pg. 12.

(7) "A la más encopetada dama (y no podia excusar su presencia), brindabasele la VUELTITA FEDERAL con el mulatillo que la solicitara henchido del garbo habitual de su democrática insolencia". Ramos Mejia, op. cit. vol. II, pgs. 22 e 23.

O MÁU AGOURO

"In veienti agro biceps puer natus, et Sinuessae uni manus. Oxini puella cum dentibus; arcus interdiu sereno coelo super aedem Saturni in foro Romano intentus: tres simul soles effulserunt; faces eadem nocte plures per coelum lapsae sunt in Lanuvino; apud Goerites anguis in oppido jubatus, aureis maculis sparsus apparuit; in agro Campano bos loquutus, et in sabinis terrae motus ingens factus est. Carthaginensis eodem anno cum Graeciae urbibus adversus Romanos, Perseo sollicitante, conspiraverunt."

(JULII OBSEQUENTIS — "*Prodigiorum Libellus*").

Corria o mez de maio, que a adulação portenha chamava babosamente o mez de Manuelita. Não era de admirar que a substituissem a Maria, mãe do Senhor, pois o DIARIO DE AVISOS, fôlha official do tyranno, se comprazia em declaral-a continuamente — "Divindade protectora das alegrias do povo" (1). Corria o mez de maio. Urquiza agitava-se e a diplomacia brasileira tecia a trama que haveria de dar em terra com o despotismo, libertando a Argentina do pesadêlo.

Então, em Entre-Rios, uma pobre mulher do povo teve um filho monstruoso: corpo de gente e cara de carneiro. As mais desencontradas versões corrêram sobre o prodigio, enriquecendo de canções e lendas o folk-lore local. Como o aborto ameaçasse viver, enviaram-no a Buenos Aires, onde durante uma

semana a mãe o amamentou, servindo ambos de pasto á curiosidade publica (2).

Toda a gente da capital foi ver o pequenino monstro. Rosas e Manuelita tambem. E um autor escreve que, si elle não ficou impressionado, deve isto a ter ignorado os livros de Tito Livio, quiçá o proprio nome do grande historiador de Roma. Accrescentamos que, si elle ao menos de oitiva conhecesse o "Livro dos Prodigios" de Julio Obsequens, se teria sentido completamente perdido...

O menino de cara de ovêlha não conseguio esfriar o enthusiasmo mashorqueiro, porque a canalha portenha estava tão compromettida que sabia que somente com o despota se poderia salvar, mas cavou alguns sulcos de preoccupação em muitas frontes. Em rapidos coxixos, trocavam-se impressões de máu agouro, e recordavam-se prodigios análogos que tinham annunciado desastres e epidemias.

A gente rosina não se sentia muito bem.

Por esse tempo, estava em moda nos cartazes theatraes da cidade o famigerado drama JUAN SIN PENA, terrivel critica contra D. Justo José de Urquiza, louco, traidor,

selvagem e asqueroso unitario, segundo a fórmula solenne de maldição official, de cuja provincia rebelde tinha vindo o agourento petiz da cara de borrêgo. Rosas frequentava a miúde o Theatro Argentino, na esquina da rua de la Merced (3), onde todas as noites era applaudida a peça federal.

Não vinha mais olhar e ouvir o drama fastidioso, porem gosar as acclamações da arraia miúda, sua amiga. Apresentava-se na frisa official em grande gala, com Manuelita ao lado, diademada de joias, cercado pelos seus ajudantes de ordens — o general Heredia, o coronel Lagos, os majores Belomo, Ximeno e Aguilar. Dos camarotes, as senhoras debruçavam-se sorridentes e atiravam-lhes braçadas de flôres. As galerias cheias de CHALECOS COLORADOS pareciam uma movediça tapeçaria côr de sangue.

De repente, D. Juan Moreno, chefe de policia, ou D. Juan Manuel Larrazábal, chefe dos serenos, punha todo o corpo para fóra da frisa, agitava o chapéo e bradava:

— Louvor eterno ao magnanimo Rosas!

O theatro delirava. A multidão carme-

zim das torrinhas, a gente meia vermelha e meia branca da platéa, os cavalheiros e as senhoras de enormes gravatas e de laçarotes rubros das lojas, de pé, freneticos, repetiam em côro a acclamação ritual. Depois, outras pessôas lançavam vivas com epíthetos fóra do commum, alguns dos quaes Rosas sobremaneira apreciava:

— Viva o Washington do Sul!

E seguia-se a formidavel trepidação dos morras sacramentaes.

Corria o mez de maio.

Após uma dessas ruidosas audições do JUAN SIN PENA no Theatro Argentino, Rosas descia os degraus do vestibulo para ir tomar a carruagem, dando o braço a Manuelita, quando o chefe de policia delle se approximou e disse-lhe em voz baixa:

— Sr. governador, aquella criança monstruosa da cabeça de carneiro morreu esta tarde...

— Ah! rosnou D. Juan Manuel.

D. Lorenzo Torres, famoso chefe das turbas populares federaes, surgio ante o grupo do tyranno e do estado maior, acompanhado

de seus vermelhos asséclas e lançou, subitamente, este grito inesperado:

— Morra o Brasil!

O olhar de Rosas deteve-se, indagador, no seu chefe de policia e este quiz continuar a relatar-lhe os acontecimentos, porem somente teve tempo de balbuciar alguma coisa, porque D. Lorenzo já estava ao pé do tyranno e já lhe soprava a grande, a terrivel noticia:

— A esquadra brasileira foi avistada nas aguas do Paraná! (4).

---

(1) Arturo Capdevila — LAS VISPERAS DE CASEROS, Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pg. 82.

(2) Idem, pgs. 78 e 79.

(3) Mariano G. Bosch — HISTORIA DEL TEATRO ARGENTINO.

(4) Capdevila, op. cit. pg. 90.

CAXIAS, O PACIFICADOR

"Um poder estranho ameaça a integridade do Imperio e tão estólida ousadia jamais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será o theatro de suas iniquidades, e nós partilharemos a gloria de sacrificar os resentimentos creados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil."

(Proclamação de David Canabarro aos Farrapos, quando acceitou o accordo de paz proposto pelo barão de Caxias.)

A espada e o tacto de Caxias tinham pacificado o Rio Grande do Sul. Depois de dez annos de gloriosa luta, os audazes republicanos de Piratinim depunham nobremente as armas. E a vizinhança platina, sempre ansiosa pelo enfraquecimento do Brasil, emocionou-se.

Seria possivel? Os sonhos da desejada fragmentação do Imperio por terra? Desfeitos os ideaes de crear para nosso lado uma especie de Banda Oriental? Escreve a proposito, com propriedade, um dos nossos historiadores militares: "Sonhos de annexação, separação do Rio Grande, fronteira para base de operações na Republica Oriental pela caudilhagem militar, sôfrega de assentar-se na curul presidencial; tudo, tudo acabado! A proclamação de David Canabarro que era, en-

tão, general em chefe dos revolucionarios, annunciando a paz, foi lida e commentada nas republicas vizinhas com avidez e paixão, e é claro que os chefes da revolução outróra tão elogiados, tão considerados, fôram postos pela rua da amargura. Não houve insultos que não fôssem atirados sobre os ex-amigos, os ex-alliados, especialmente porque Canabarro alludia a um poder estranho que ameaçava a integridade do Imperio..." (1).

Esse poder era o tyranno Rosas, que protestava contra o reconhecimento da independencia do Paraguai pelo Brasil, mandava Oribe apoderar-se do Uruguai e sonhava a famosa reconstituição do antigo vice reinado de Buenos Aires, accrescentando-lhe o Rio Grande ou pelo menos erigindo-o em Estádo autonomo e tampão. A' voz de Caxias, os Farrapos acordaram do seu devaneio que custára muita lagrima e muito sangue. Sentiram a ameaça que pesava sobre o seu paiz e desembainharam de novo as espadas sob o commando do grande brasileiro, para defenderem o Brasil unido. Como antes, como depois, como sempre, o Rio Grande não mentio

ao seu papel, nobre e glorioso, reservado pelas fatalidades historicas e geographicas, de sentinella da fronteira meridional. E os sub chefes de Caxias na arrancada contra Rosas fôram os antigos caudilhos farroupistas.

Na proximidade da fronteira brasileira uruguaia, em Pontas do Cunha Pirú, Caxias concentrou o exercito imperial: quatro divisões e um commando geral de artilharia, dezeseis mil e duzentos homens. E pôz-se em marcha, entregando a direcção da vanguarda, que era o posto de maior responsabilidade no momento, a David Canabarro, que os gringos despeitados alcunhavam, depois da proclamação de Poncho Verde, — **o novo subdito do Imperio.**

Caxias foi a espada que sustentou longos annos o Imperio, combatendo e, mais do que combatendo, pacificando. O antigo commandante dos Permanentes da Côrte impuzéra-se pela integridade absoluta do seu caracter. Ninguem, no nosso paiz, em quatro seculos de historia, foi maior do que elle. Guerreiro e politico. Diplomata e estadista. Ninguem teve

maior fé nos destinos da patria e ninguem a servio com maior brasilidade. Velho e enfermo, deixou as suas commodidades para ir ao Paraguai concertar, como dizia, com certa amargura, numa carta intima ao barão de Muritiba, as asneiras que outros tinham feito...

Mas essa espada, terrivel contra os inimigos externos, sabia embainhar-se a tempo nas lutas fratricidas e render homenagem ao adversario civil que caía ou que se entregava. Assim procedera na revolta de Minas e S. Paulo, esmagada no combate de Santa Luzia do Rio das Velhas, onde aprisionára o barão de Wiesner de Morgenstern, destinado a ser outra vez seu prisioneiro, ambos anciões já, na batalha de Lomas Valentinas. Assim procedera na rebeldia do Maranhão. E assim procedera na guerra dos Farrapos.

Um episodio pinta melhor do que muitas paginas de psychologia como elle costumava agir.

Travou-se o famoso combate de Porongos entre os legalistas e os republicanos. Estes perderam muita gente e aquelles ficaram victoriosos. A derrota abrio aos soldados im-

periaes o caminho de Bagé. O então barão de Caxias marchou para a cidade, onde lhe prepararam muitas festas. Ao approximar-se o general, uma commissão com o párocho á frente foi ao seu encontro e convidou-o para as commemorações e solennidades, entre as quaes estava incluido um TE-DEUM. Lima e Silva sorrio e declarou que absolutamente não consentia que se realizasse nenhuma daquellas festividades projectadas. A commissão mostrou-se muito contrariada e o vigario ousou insistir:

— Ao menos o TE-DEUM, excellencia!

Caxias replicou-lhe verbalmente:

— "Reverendo, precedeu a esse triunfo derramamento de sangue brasileiro. Não conto como trophéos desgraças de concidadãos meus. Guerreio dissidentes; mas sinto as suas desditas e choro pelas victimas como um pae por seus filhos. Vá, reverendo, e, em logar de TE-DEUM, celebre missa de defuntos, que eu, com o meu estado maior e a tropa que na sua igreja couber, irei amanhã ouvil-a por alma dos nossos irmãos illudidos que pereceram no combate" (2).

Um homem que pensava e agia dessa maneira merecia que os revolucionarios depuzessem as armas, confiados na sua palavra de honra, que lhes promettia o esquecimento do passado e o perdão de todos os actos praticados durante a longa, memoravel luta. Si o exemplo de Caxias deante de Bagé merece ser imitado em todas as contendas civis, em que o perdão e o esquecimento são mais preciosos e uteis do que as perseguições e os castigos, o dos briosos e valentes gaúchos que retomaram lanças e espadas para defender o Brasil do perigo rosista que o ameaçava é, em verdade, um dos mais bellos da nossa historia e um dos mais raros nos annaes humanos.

Deve-se esse milagre a Caxias, o Pacificador.

---

(1) Bormann -- ROSAS E O EXERCITO ALLIADO. Rio de Janeiro, 1912, vol. I. pg. 144.

(2) Idem, pg. 148.

O ENTERRO DE URQUIZA

"Federales corred a las armas,
que el clarin de la guerra sonó.
Y os provoca a la lid sanguinaria
de Entre Rios, Urquiza el traidor."

(Canção popular patriotica do tempo de Rosas).

A guerra fôra declarada. Unido ao general Urquiza, governador de Entre Rios, o Imperio resolvêra intervir nos destinos do Prata, derramando o sangue de seus filhos pela civilização e pela liberdade. Era necessario demolir o regimen rosista que degradava a Argentina e envergonhava a America. E a Buenos Aires negra e mashorqueira delirava de odio ao Brasil e a seu alliado.

Rosas tivera sempre receio da acção imperial. "Pontifice brujo de una teocrácia bárbara", evitára continuamente que nos seus ritos se alludisse ao Brasil. Capdevila escreve a proposito: "Urquiza convocava as milicias ruraes e o Imperio nomeava o então conde de Caxias commandante em chefe do exercito de observação, ao mesmo tempo que chamava ás armas as guardas nacionaes de S.

A guerra fôra declarada. Unido ao general Urquiza, governador de Entre Rios, o Imperio resolvêra intervir nos destinos do Prata, derramando o sangue de seus filhos pela civilização e pela liberdade. Era necessario demolir o regimen rosista que degradava a Argentina e envergonhava a America. E a Buenos Aires negra e mashorqueira delirava de odio ao Brasil e a seu alliado.

Rosas tivera sempre receio da acção imperial. "Pontifice brujo de una teocrácia bárbara", evitára continuamente que nos seus ritos se alludisse ao Brasil. Capdevila escreve a proposito: "Urquiza convocava as milicias ruraes e o Imperio nomeava o então conde de Caxias commandante em chefe do exercito de observação, ao mesmo tempo que chamava ás armas as guardas nacionaes de S.

Borja, Itaqui, Piratinim, Pelotas, Jaguarão, Rio Grande, S. José... Apesar disto, nas imprecações solennes de 9 de julho, Rosas impetrava do céo e da terra morte horrivel para as avantêsmas Flôres e Santa Cruz, esquecendo-se adréde do inimigo em marcha... Era que o Grande Americano e mui illustre argentino implorava fóra de horas a mediação de Mr. Southern e o favor das estrellas. Medo? Sim, medo. Os factos o demonstram" (1).

Mas os pedidos e intervenções não deram resultado e, ao rumor dos tambores das tropas brasileiras, as milicias entrerianas e correntinas caminharam para as planicies fartas do Uruguai. Rosas tremeu. Buenos Aires tremeu com Rosas e, publicamente, os mashorqueiros puderam associar, nas suas maldições de baixa feitiçaria e nas suas comedias tragiburlêscas, o nome de D. Justo ao nome do Brasil.

Resolveu-se a canalha rueira a fazer uma manifestação de terrivel desagrado a D. Justo José de Urquiza e os seus caudilhos organizaram o enterro do governador de Entre Rios.

Formado á porta do Theatro Argentino, na rua da Mercê, o prestito pôz-se a caminho de Palermo. Os chalecos encarnados dos mashorqueiros profissionaes abriam a marcha. Sobre um carro enfeitado de azul celeste, côr unitaria, por derisão, e todo tremulante de fitas verdes e amarellas, alfinetada no Imperio, via-se immenso caixão de defunto, recamado de doiraduras e aberto, mostrando grande boneco, fardado e encartolado, a repousar sobre coxins celestiaes. Atraz, vinha a multidão a passo lento, chorando e se lamentando de tão rude golpe... (2).

De espaço a espaço, parava o burlesco cortejo. O soluço dos carpidores esmorecia. E uma voz roufenha entoava lentamente o latinorio dos mortos:

— SI INIQUITATIS OBSERVAVERIS, DOMINE, DOMINE, QUIS SUSTINEBIT?

Outras vozes soturnas respondiam:

— REQUIEM OETERNAM!

— ET LUX!

Continuava a marcha. Depois, outra parada e a voz fanhosa:

— EXSULTABUNT, DOMINE, OSSA HUMILIATA.

E as respostas sinistras:

— REQUIEM OETERNAM DONA EIS, DOMINE.

— ET LUX PERPETUA LUCEAT EIS!

Gargalhadas canalhas varavam o ar. E um côro aflautado começava a cantar:

"Al arma argentinos!
Cartucho al cañon!
Que el Brasil regenta
la negra traición!
Por la callejuela,
por el callejón,
que a Urquiza compraron
por un patacón!

Triunfará de Rosas
la negra traición
cuando la naranja
se vuelva limón.
Por la callejuela,
por el callejón,

que a Urquiza compraron
por un patacón!"

E os vivas e os morras cobriam o som das estrophes picarêscas. De repente, um sujeito surgio a uma esquina agitando uma bandeira imperial. O losango amarello heraldicamente armoriado refulgia no campo verde batido pelo vento. A multidão cercou-o, uivando de furor. Elle esguélava-se:

— E' a gualdrapa do burro! E' a gualdrapa do burro!

Parou o enterro, desfizeram-se os arreios do magro jumento que puxava o côche funebre e sobre suas costas collocou-se, como manta, o pavilhão brasileiro que não tinha ninguem a defendêl-o... (3).

E o poviléo lá se foi rua afora, cantando:

"El sable a la mano!
Al brazo el fusil!
Sangre quiere Urquiza;
Balas, el Brasil!"

Assim se encaminharam para Palermo de

San Benito, residencia do senhor governador. "Todo o trajecto estava profusamente adornado com trophéos da Santa Causa. Tinham regado o sólo e, de trecho em trecho, a contar da capitania do porto, estavam postadas bandas de musica militares. Com o rio á vista, posto como testemunha, a gente das carruagens fazia calculos optimistas sobre a guerra, recordando por exemplo que, no anno 40, trinta navios francêses em vão tentaram dominar a immensidade de suas aguas e acabaram por se fazêrem a vela, um dia, vencidos pela bôa estrella do Restaurador... Entretanto, brilhava, doirado e carinhoso, o sol de setembro, e o Prata estendia-se, illuminado e melancolico, nos limpidos horizontes da tarde..." (4).

O enterro parou ante a fachada do casarão governamental. Rosas veio ao balcão, dando a mão a Manuelita. E, em côro, a multidão cantou em sua presença este OVILLEJO da moda:

"A quien le espera un buen susto?
A Justo.
Por ser loco bien se vé,
José.
El oprobio se eterniza
de Urquiza.

Mal la vida finaliza
quien a ser traidor empieza.
Le cortarán la cabeza
A Justo José de Urquiza!"

Os morras sacramentaes seguiram-se immediatamente:

— Morra o louco, traidor, selvagem, unitario Urquiza!

— Morra o traidor e aleivoso Brasil!

O enterro voltou para a cidade e o feretro foi deposto na praça da Victoria, ao pé da Pyramide de Maio. Alli, com luminarias, em regabofe, os mashorqueiros passaram a noite velando-o.

Na noite seguinte, das tapizadas janellas do solar do senhor Riglos, Rosas, Manuelita

e sua côrte assistiram á cremação solenne da effigie do governador de Entre Rios (5).

---

(1) Arturo Capdevila — LAS VISPERAS DE CASEROS, Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pgs. 69 e 70.

(2) Idem, 101, etc.

(3) "...un manso burro llevaba de gualdrapa la bandera del Brasil".. Idem, pg. 101.

(4) Idem, pg. 158.

(5) Para as minucias sobre folk lore e outras, vide a obra citada pgs. 101 e seguintes, 105, e 156 a 159.

da

s,

A TROYA AMERICANA

"El general Urquiza, no obstante las continuas lluvias que hacian intransitables los caminos, avanza rapidamente hacia Montevidéo, inspirado en un sentimiento de argentinismo, prescindiendo, para dar el golpe decisivo, de las fuerzas brasileras, que en aquellos momentos y en numero de veinte mil hombres se hallaban en la frontera brasilera-uruguaya, al mando del conde de Caxias..."

(EDUARDO DE URQUIZA — "*Historia numismatica de la campana libertadora de Urquiza*").

Havia nove annos que Montevidéo soffria os horrores dum cêrco rigoroso. Nove longos annos de bombardeios e de sortidas, de fomes e de angustias, de mêdos e de martyrio. A cidade heroica era o refugio daquelles que escaparam ao Terror de Buenos Aires, escorraçados pela tyrannia de Rosas, e della partiam os pamphletos que denunciavam ao mundo assombrado a crueldade nunca vista do Tigre de Palermo.

Como acabar com aquelle fóco de resistencia ao despotismo federal erigido ás portas da capital argentina? Como destruir aquelle baluarte da independencia mental do Prata, aquelle esconderijo sagrado dos asquerosos e selvagens unitarios? Rosas só tinha um homem capaz de realizar essa obra a seu contento. Era o general Oribe, o famigerado Cor-

ta-Cabeças, que afogára no sangue e em horrores peores que o sangue as rebelliões de Cuyo e Tucuman, de La Rioja e Córdoba, de Santiago del Estero e Jujuí, de Santa Fé e Corrientes. "Nos annos decorridos de 1839 a 1842, Oribe, peor que Attila, devastou, matou, incendiou e deshonrou as populações daquellas provincias. Os homens que elle commandava não eram soldados na rigorosa accepção da palavra, eram sicarios, assassinos, ladrões, bandidos como elle. Nada poupavam, nada respeitavam". (1)

Praticava actos desta natureza: em Córdoba vencida, obrigára sob pena de açoites as senhoras da alta roda a darem vivas aos federaes. D. Isidora Ibardas recusou-se corajosamente a cumprir a intimação. Condemnou-a a receber deante de suas filhas trezentas vergastadas. A infeliz senhora tombou exangue no sólo nú. O selvagem mandou cortar-lhe os fartos cabellos e, atirando-os sobre o corpo lanhado e arroxeado, pronunciou esta frase:

— "Esto le puede servir de emplastro para que sare!" (2).

A esse chefe de horda tártara o Tigre de Palermo encarregára de dominar Montevidéo. Depois de esmagada a cidade revél, Rosas incorporaria, conforme suas idéas de reconstrucção do antigo vice-reinado do Prata, a Banda Oriental á confederação. A vez do Paraguay, que se tornára independente pelos conselhos de Pimenta Bueno, viria depois. E era esse, sem duvida, aquelle perigo a que alludia o futuro conde de Porto Alegre na sua parte a Caxias sobre a batalha dos Santos Logares (3).

Desembaraçado dos francêses após a convenção com o almirante barão de Mackau, o dictador pôde voltar inteiramente suas vistas para o Uruguay, onde findava o governo de Rivera. As tropas de Oribe transpuzeram a fronteira e batêram o velho caudilho na batalha do Arroio Grande, matando depois do entrevero, friamente, os mil e quinhentos prisioneiros que tinham sido feitos! O panno de amostra do que se ia seguir.

Estava livre o caminho da capital uruguaia. As guerrilhas de Medina e de Pacheco y Obes crearam alguns embaraços aos ven-

cedores, mas não puderam impedir que se approximassem. Assim, recolhendo os fazendeiros e moradores das cercanias, Rivera, á frente de seus voluntarios, refugiou-se na cidade, onde entregou o governo a D. Joaquim Suarez, como lhe cumpria em face da constituição, por ter terminado o mandato. Patrioticamente foi organizada a defesa de Montevidéo, cuja causa sympathica abalou a opinião publica do mundo inteiro. Os estrangeiros alli residentes cooperaram efficazmente para a mesma e, "assim, ao lado da tropa de linha, se viam, nas trincheiras, as legiões: francêsa, commandada pelo coronel Thiebaut, veterano das campanhaes napoleonicas; italiana, commandada por José Garibaldi, que mais tarde se immortalizou nas lutas pela liberdade da Italia; e espanhola, chefiada pelo bravo coronel Brie" (4).

Os argentinos refugiados em Montevidéo bateram-se com denodo pela causa que era a sua, os Lezica, os Sosa, os Gelly y Obes, os Battle, os Tage, os Munhoz e os Solsona. O Corta-Cabeças sitiou a capital oriental completamente pelo lado de terra e a esquadrilha

do velho Guilherme Brown bloqueou-a por mar. Porem Montevidéo levou nove annos torturada, escrevendo uma das mais brilhantes paginas da historia americana. Comeram-se os cães, os gatos, os ratos e as solas das botas. Quando a fome campeava mais negra nesses terriveis, inacabaveis nove annos, os sitiantes, quatorze mil homens fartos de alimento, mas nunca fartos de sangue, atiravam nas trincheiras dos escaveirados defensores papeluchos impressos, contendo cançonetas derisorias de sua malfadada situação, com este cruel, eterno cabeçalho:

"VIVAN LOS DEFENSORES DE LAS LEYES!

Mueran los salvages unitarios!

TÓNICO

Para los salvages unitarios, tan hambrientos como rotosos, que se hallan encerrados en la infeliz plaza de Montevidéo". (5).

Os sitiados tambem se não deixavam vencer pela pilheria. Respondiam-lhe tão energicamente como aos tiros de peça. E lançavam aos inimigos papeletas com cantigas impressas deste jaez:

"Cuando la naranja
se vuelva a pepino,
dejará Oribe
de ser asesino!

Cuando la naranja
se vuelva a limón,
dejará Oribe
de ser ladrón!" (6).

De vez em quando, Oribe se impacientava e dava um assalto aos bastiões uruguaios. Infructuoso. Era repellido com perdas. E o seu mau humor derramava-se sobre quantos o cercavam. Sobretudo quem mais pagava eram os principaes auxiliares— D. Ángel Pacheco, brilhante official de granadeiros a cavallo, seu chefe de estado maior, que fôra lamentavelmente flanqueado e batido na ba-

talha de Tálas (7), Garzón, um veterano da campanha do Perú, e o coronel Mariano Maza, repugnante, sinistro e patibular na frase dura, mas verdadeira, dum dos historiadores daquella triste epoca de barbárie dos nossos vizinhos.

Mas a diplomacia imperial velava pela civilização da America e o imperador condemnára o regimem deshumano de Rosas. Um chronista moderno da epoca do tyranno escreve: "... el Brasil no ocultaba su intención de tutelar a Sud America, **digna y pacificamente,** como bien lo mostraba con sus veintetrés mil soldados y con sus dos fabricas de pólvora..." O Brasil não queria tutelar ninguem, porem não podia consentir que Rosas continuasse a realização de seus planos, derramando rios de sangue generoso e nobre. E no dia em que duas provincias resolvêram derribar o tyranno, apoiou-as com toda a sua lealdade e com todas as suas forças.

Eis por que, á frente de dezeseis mil homens, o conde de Caxias surgio na fronteira uruguaia, emquanto as milicias de Urquiza e

Virasoro se punham em marcha. Depois de realizada a sua juncção, o grande exercito alliado deveria libertar Montevidéo, avançando, em acção conjuncta com a esquadra imperial, contra Buenos Aires. As quatro divisões do exercito brasileiro penetraram em territorio uruguaio commandadas por Bento Manoel Ribeiro, João Frederico Caldwell, José Fernandes dos Santos Pereira e David Canabarro. Os nomes dos seus commandantes de brigadas, ou já eram celebres, ou estavam destinados á gloria nas pugnas do porvir: Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, João Propicio Menna Barreto, José Joaquim de Andrade Neves, José Gomes Portinho, Francisco Pedro — o Moringue, barão de Jacuí, Demetrio Ribeiro. E os commandantes das unidades das tres armas estavam na maioria destinados a brilhante futuro na vida militar do Imperio: Osorio e Resín, Guilherme Xavier de Sousa e Coelho Kelly, Francisco Xavier Torres e Manoel de Oliveira Bueno, João Guilherme Bruce e Joaquim Gonçalves Fontes (8).

O exercito partio de Cunha Pirú pelas co-

xilhas da Banda Oriental, alagadas e tristes. Rosas, que brigára com Oribe e o destituira do commando, fez as pazes com elle em presença do perigo. E Urquiza, escreve Bormann — "que mostrára tanta indecisão e perplexidade a principio, movendo-se só depois da intimação do Brasil contida nas palavras — **com elle, sem elle, ou contra elle** ia entrar em campanha, tinha agora excessiva pressa de avistar Oribe, sem a presença dos alliados, e com forças inferiores ás do adversario. Teria nisso algum fim occulto?" (9).

A verdade é que, impellido por aquella argentinidade que o illustre sr. Eduardo de Urquiza, seu descendente, nelle reconhece, não esperou o exercito imperial no Rio Negro, como estava combinado, mas avançou contra Oribe, arriscando-se embora a ser batido pela sua inferioridade numerica e falta de infantaria. Mas o Corta-Cabeças fingio escaramuçar com o seu antigo amigo e a elle se rendeu, garantindo, assim, sua preciosa existencia...

Mal teve noticias da trama, o conde de Caxias entregou o commando do exercito a

Bento Manoel e partio para o acampamento de Urquiza acompanhado de Osorio, Miguel de Frias e o glorioso 2.° regimento de cavallaria que o primeiro commandava. Chegou tarde. Poupando o exercito de Oribe e seu proprio chefe, que seriam tomados entre dois fogos pelo exercito alliado e os bravos defensores da praça, Urquiza tinha acceitado a capitulação. Caxias mordeu os labios e guardou digno e altivo silencio.

Outros não guardaram. Domingos Sarmiento ouvio commentarios sobre a rendição dos ferozes sitiantes da Troya Americana que não chegaram ao conhecimento de Caxias. E a esses commentarios o general Urquiza replicou, com o seu reconhecido espirito de argentinidade, desta forma:

— "Por donde iba a consentir que los brasileros tuviesen parte en la rendición de orientales y argentinos?" (10).

---

(1) Bormann — ROSAS E O EXERCITO ALLIADO, Rio de Janeiro, 1912, vol. I, pg. 108.

(2) Julio Maria Sosa — LAVALLEJA Y ORIBE, pg. 319.

(3) Os argentinos e os uruguaios denominam essa bata-

lha de Morón ou de Monte Caseros. O nome official brasileiro, que se acha nas partes officiaes e na iconographia, é de Morón ou dos Santos Logares, designação esta ultima da quinta de Rosas que nossos soldados tomaram, formando o centro da linha de batalha e de sua sorte decidindo.

(4) Bormann, op. cit. vol. I, pg. 112.

(5) Vê-se a reproducção facsimilar dum desses documentos á pag. 35 do livro de Eduardo de Urquiza — HISTORIA NUMISMATICA DE LA CAMPAÑA LIBERTADORA DE URQUIZA, Buenos Aires, 1928.

(6) Bormann, op. cit. vol. I, pg. 94.

(7) Saldias — HISTORIA DE LA CONFEDERACIÓN ARGENTINA, La Facultad, Buenos Aires, 1911, vol. V.

(8) Santos Titára — MEMORIAS DO GRANDE EXERCITO ALLIADO e DIARIO DE OPERAÇÕES DO EXERCITO BRASILEIRO NA CAMPANHA DE 1851-1852.

(9) Bormann, op. cit. vol. II, pg. 17.

(10) Sarmiento — CAMPAÑA EN EL EJERCITO GRANDE ALIADO LIBERTADOR DE SUD AMERICA.

A REPULSA DE GRENFELL

"...Urquiza desejava cobrir, não diremos com o seu manto, mas com o seu poncho protector, o seu *amigo e affectuosissimo* servidor don Manoel Oribe, commettendo uma deslealdade para com o Brasil."

(BORMANN — "*Rosas e o Exercito Alliado*").

A capitulação acceita por D. Manoel Oribe, e firmada por elle e Urquiza, constava de sete pequenos artigos. O primeiro admittia que a resistencia dos cidadãos uruguaios á intervenção anglo-francêsa fôra levada a effeito na supposição de que se defendia a independencia da Republica; o segundo affirmava que todos os membros dos varios partidos tinham os mesmos direitos e iguaes serviços á patria; o terceiro reconhecia como divida nacional as despesas do exercito sitiante; o quarto mandava proceder, opportunamente e constitucionalmente, á eleição do congresso que deveria escolher o chefe da nação; o quinto declarava não haver vencidos nem vencedores; o sexto submettia ás autoridades constituidas o general Oribe e os demais cidadãos; e, finalmente, o setimo esta-

tuía: "Em conformidade com o que dispõe o artigo anterior, o general D. Manoel Oribe poderá dispôr livremente de sua pessoa". (1).

Como se vê, a capitulação era uma verdadeira amnistia para o Corta-Cabeças, não havendo nella nenhum dispositivo que propriamente acobertasse da sanha do vencedor os soldados e officiaes, tanto argentinos rosistas e uruguaios BLANCOS como individuos de outras procedencias, que formavam o exercito sitiante de Montevidéo.

Os termos do documento estavam adréde preparados para que unicamente sobre Oribe recaísse a protecção do general entreriano. E este, conscio da perfidia entranhada naquella capitulação, esfregava as mãos de contente, piscava os olhos para os seus intimos e dizia:

— Enganei-os completamente (2).

Para melhor e cabal execução de seu plano de inutilizar as tropas de Oribe, que salvára no afan de resolver a situação sem a presença de Caxias, Urquiza precisava dum cumplice e de fazer tudo de maneira que o papel ingrato fôsse exercido por outrem e

elle da traição tivesse somente os lucros. Queria agarrar todos os oribistas, não só para que não fôssem engrossar as hostes de Rosas como para nelles exercer sua instinctiva vingança de caudilho.

Pareceu-lhe que o chefe da esquadra brasileira, o almirante Pascoe Grenfell, veterano da campanha da independencia e das lutas navaes do Rio da Prata, se prestaria a ser docil instrumento de sua "malicia proverbial". A simplicidade de maneiras do heróe do CABOCLO, a azul ingenuidade do seu olhar de marujo, tudo fazia com que a velha raposa dos pampas estivesse certa de conseguir delle o que entendesse. E continuava a esfregar as mãos e a sussurrar aos intimos:

— Enganei-os completamente.

Cercou de attenções o lobo do mar e, na occasião em que o julgou bem rendido ás suas amabilidades, depois de lauto almoço, quando o fumo cheiroso dos bons charutos espiralava no ar, tudo preparado para ficar a sós com o outro, lançou-lhe habilmente as rêdes.

— Consta-me, falou, manhosamente, que os officiaes e soldados oribistas pretendem

pedir a V. Ex. para conduzil-os a Buenos Aires nos navios de guerra e transportes brasileiros, pois não ha outros meios de communicação.

— Ahn! grunhio o marinheiro.

Urquiza approximou mais o seu assento e continuou, silvante:

— Acho que devo mandar-lhe esses hospedes, almirante. Posso?

O chefe da esquadra escancarou a bôca num riso franco:

— Pois não. Meus navios estão á sua inteira disposição, meu caro general.

O caudilho, então, ousou a proposta villôa:

— Uma vez todos a bordo, almirante, afim de diminuir os embaraços e tropeços ao exercito do conde de Caxias, não deveis permittir que regressem a Buenos Aires e engrossem as fileiras do dictador.

E, piscando um olho:

— Como nenhum representante do Imperio assignou a capitulação, não sois obrigado a reconhecêl-a. Em nome de vosso governo, considerae-os prisioneiros de guerra e mettei-os nos pontões e nas presigangas.

Grenfell ergueu-se afogueado. Todo elle tremia de indignação. E explodio, a voz rouca como num dia de batalha:

— O senhor enganou-se redondamente, general Urquiza, eu não sou um chefe de piratas, porem o commandante duma esquadra e o official duma marinha gloriosa, que jamais se mancharia com uma traição desta ordem! Porque o que o senhor me insinúa é uma traição infame que rebaixaria o Imperio do Brasil, em cujo serviço eu perdi um braço! Fique sabendo que, si o senhor mandar para bordo os oribistas, eu os transportarei a Buenos Aires sem que falte um só!

Varreu o caudilho com o seu largo olhar azul, deu-lhe as costas e saío, arrebatadamente, a ponta da bainha da espada batendo em tudo... (3).

---

(1) Traduzida em portuguê̂s, a capitulação póde ser lida, na integra, nos documentos que acompanham a celebre obra de Santos Titára — MEMORIAS DO GRANDE EXERCITO ALLIADO LIBERTADOR DA SUL AMERICA e em Bormann — ROSAS E O EXERCITO ALLIADO, Rio de Janeiro, 1912.

1913, vol, II, pgs. 22 e 23. Em hespanhol, encontra-se em Eduardo de Urquiza — HISTORIA NUMISMATICA DE LA CAMPAÑA LIBERTADORA DE URQUIZA, Buenos Aires, 1928, pgs. 41 e 42.

(2) Bormann, op. cit., pg. 26 e Sarmiento — CAMPAÑA EN EL EJERCITO GRANDE ALIADO.

(3) Todo este episodio é confirmado pelos referidos autores.

A NOMEAÇÃO DE MARQUES DE SOUSA

"O brigadeiro Manoel Marques de Sousa, commandante da divisão, mostrou no dia dessa memoravel batalha muito tino e valor, dirigindo o combate do centro da linha inimiga, sem duvida o ponto mais forte della, prevenindo mesmo o ataque, quando vio que a occasião era opportuna. Nossos batalhões manobraram como si estivessem em parada, e isso aterrou consideravelmente o inimigo. Eu recommendo a S. M. o Imperador este official general, que faz honra ao Exercito Brasileiro."

(Officio de 12 de fevereiro de 1852, do conde de Caxias ao conselheiro Manoel Felizardo de Sousa e Mello, ministro e secretario de Estado dos Negocios da Guerra.)

A primeira divisão do exercito brasileiro, que, desde o começo da campanha contra Rosas, fôra commandada pelo general Bento Manoel Ribeiro, veterano da Cisplatina, foi a escolhida pelo commando em chefe para auxiliar a gaúchada de Urquiza que avançava do Diamante para Buenos Aires. Mas o seu chefe adoeceu gravemente e teve de retirar-se para o Brasil. Vago o alto cargo, todos os commandantes de brigada pretendêram ser nelle providos. Caxias ouvio os seus pedidos, recebeu as informações e cartas que os recommendavam, e nomeou o brigadeiro Manoel Marques de Sousa, joven official chegado recentemente do Rio Grande.

A escolha sorpreendeu a todos. Houve murmurios no exercito. A inveja e o despeito afiaram as garras impiedosas. A tudo se at-

tribuio a preferencia do general em chefe, menos ás causas verdadeiras: seu admiravel conhecimento dos homens e a brilhante fé de officio do moço brigadeiro. Como houvesse alguns officiaes generaes e superiores de origuem estrangeira, o acto de Caxias tambem foi taxado de jacobinismo. Porque o marechal de campo Caldwell era inglês e perdera, como Grenfell, a serviço do Imperio o braço esquerdo, Guilherme Bruce era sueco e o brigadeiro Fernandes era português naturalizado na independencia (1).

Alem do mais, o futuro conde de Porto Alegre era um homem bonito e se vestia muito bem. Fardava-se admiravelmente. Trajava á paisana com elegancia. Culto e educado, frequentava os salões e cultivava a arte de donear. Naquelle tempo, não se compreendia um general assim. Um general de verdade devia ser desalinhado e grosseiro. A palavra brutal, o gesto descortez. Enormes chilenas. Bombachas. Poncho. Sombreiro derramado. Espadagão arrastando. Sem isso, não existia bravura. Um general fino, uniformizado com apuro, sabendo cortejar as senhoras e sen-

tar-se numa mesa, não era general, era um maricas...

Os commentarios chegaram aos ouvidos de Caxias e elle sorrio. O conde sabia o que fazia.

—

Mas o ministro Honorio Hermeto se deixou impressionar por esses e outros sussurros e, na primeira conversa intima que teve com o general em chefe, abordou o assumpto. Foi dizendo o que pensava até que chegou a esta frase:

— Parece-me, conde, que o brigadeiro Marques de Sousa é um cavalheiro melhor talhado para marcar uma quadrilha do que um acampamento, para as batalhas de Venus do que para as de Marte...

O olhar de Caxias fusilou um segundo. Conteve-se, porem. Com toda a calma respondeu:

— Meu caro amigo, o senhor entende de tricas e não de militança. Metta-se lá com a sua diplomacia e não se immiscúa onde não foi chamado. Eu sei o que faço. E o brigadeiro Marques de Sousa honrará o Brasil (2).

Carneiro Leão metteu a viola no saco.

A actuação de Porto Alegre em Monte Caseros honrou o Brasil. A sua coragem leonina no meio da refrega, vestido de grande gala como num dia de parada, suas ordens opportunas e sábias, seu sentimento de dignidade e sua altivez nos acontecimentos subsequentes, tudo o impôz á admiração do exercito. Os commentarios morreram por si, como um fogo que se apaga á falta de alimento.

E quando, depois da victoria, Honorio Hermeto se avistou com Caxias em Buenos Aires, foi-lhe logo dizendo, a sorrir:

— Meu caro general, o brigadeiro é um grande homem. Dou as mãos á palmatoria.

E o conde:

— Não lhe disse, senhor diplomata, que não entendia patavina de militança (3)?

---

(1) Siber — RETROSPECTO DA GUERRA CONTRA ROSIS, traducção de Alfredo de Carvalho, Porto, 1916, pgs. 44 e 45.

(2) Bormann — ROSAS E O EXERCITO ALLIADO, Rio de Janeiro 1913, vol. II, pgs. 39 e 40.

(3) Nas suas linhas geraes, o episodio é confirmado por Bormann, op. cit.

A PASSAGEM DE TONELEROS

"Honor y gloria a los valientes y leales federales del ejercito de mi mando que disputaram hoy, en las barrancas de Acevedo, á mis immediatas órdenes, con admirable denuedo, el paso de nuestro magestoso Paraná a cuatro vapores, dos corbetas y un brigue de nuestro vil y cobarde enemigo, el gobierno del Brasil, amo del loco, traidor, salvaje unitario Urquiza..."

(Parte de combate do general Mansilla).

A esquadra brasileira commandada pelo almirante Grenfell approximou-se, no dia 17 de dezembro de 1851, das barrancas de Acevedo, á margem direita do Paraná, entre Obligado, que, annos antes, fôra funesto ás frotas expedicionarias da França e da Inglaterra, e Ramalho, no perigoso e angusto passo de Toneleros, onde a esperavam os canhões e fusis de Lucio Mansilla, cunhado do tyranno Rosas.

Eram quatro corvetas a vapor — D. AFFONSO (1), D. PEDRO II, D. PEDRO e RECIFE — que rebocavam duas corvetas a vela — D. FRANCISCA e UNIÃO, e um brigue — CALLIOPE. O bravo veterano da Independencia, no mar, o chefe Parker commandava a divisão de madeira e véla. Cada um dos barcos em que tremulava a insignia impe-

rial tinha como capitão um heróe. Vale a pena recordar-lhes os nomes: Jesuino de Lamego Costa, Rodrigo De Lamare, Lomba, Alvim, Paixão, Vieira da Rocha.

Vinham a bordo da capitánea de Grenfell, do D. AFFONSO, o brigadeiro Marques de Sousa, commandante da divisão brasileira, que ia operar com Urquiza contra Buenos Aires, e seu estado maior, varios argentinos de valor como o coronel Paunero, e os tenentes coroneis D. Bartholomeu Mitre e D. Domingos Sarmiento, cujas dragonas tinham brotado sobre seus hombros ao sôpro do FIAT do poderoso governador de Entre-Rios (2). Na praça da Colonia do Sacramento, onde estava Caxias com o grosso do exercito imperial, prompto a investir a capital argentina, si o ataque dos Santos Logares não tivesse exito, embarcára naquella manhã a primeira brigada da divisão auxiliadora, do commando de Francisco Felix Pereira Pinto. Depois da esquadra forçar aquella passagem a primeira vez, deveria voltar a forçal-a a segunda, afim de receber a outra brigada.

Mal os nossos navios defrontaram o al-

cantil de Toneleros, o almirante mandou preparar tudo para o combate. Entricheiraram-se atiradores nas gáveas e amuradas, fez-se descer para os porões a força expedicionaria, afim de que não ficasse exposta inutilmente ao fogo, nem atravancasse os convézes, protegêram-se as cavalhadas e o material de trem e artilharia de campanha. Sobre o passadiço do D. AFFONSO, o futuro conde de Porto Alegre ficou ao lado de Grenfell, com seu estado maior. O velho marinheiro, que perdêra um braço a bordo do CABÔCLO na campanha naval do Rio da Prata, imperturbavel, não tirava o caximbo da bôca sinão para dar ordens e, com o oculo (3), examinava a alta barranca para a qual sua frota, de chaminés fumegando, avançava rio acima. Marques de Sousa, ainda bem moço, era uma figura elegante e varonil. Bem posto no seu uniforme de gala, as véneras relúzindo, cintura delgada, peito saliente, conversava animadamente com os argentinos, que tambem tinham subido á ponte de commando.

A' distancia de tiro de espingarda, as baterias de Mansilla rompêram o fogo. Deze-

seis peças de grosso calibre lançaram no espaço de quasi uma hora, que tanto durou a passagem, quatrocentos e cincoenta projecteis sobre a nossa esquadra, sem conseguir deter-lhe a marcha e causando unicamente a bordo o prejuizo de alguns cabos partidos, de algumas obras-mortas ligeiramente damnificadas, de quatro marujos mortos e de cinco feridos. Era pessima a pontaria argentina. A nossa tambem não lhes pôde prejudicar muito, por causa da elevação do barranco, mas lhes matou oito homens e ferio uns vinte.

Era, entretanto, bello o espectaculo (4). O sol alto, pois passava pouco de meio dia, doirava as aguas enrugadas do rio. Ao sôpro da brisa, as bandeiras do Imperio e da Argentina, que os tres officiaes superiores representavam a bordo, tremulavam unidas nos topes dos mastros. De quando a quando, clarões rapidos corriam pelas vegetações da margem alcantilada. Seguia-se-lhes o ribombar da grossa artilharia. E as granadas rebentavam na tolda dos barcos ou as balas rasas espadanavam aguas em derredor dos cascos negros que cortavam a correnteza bigo-

deados de espumas. Tambem nestes fusilava a espaços o raio e estrondava o canhão. As balas ardentes descreviam a sua parabola silvante e iam rebentar com fragor sobre a bateria, onde se agitava no ar o pendão de Rosas com seus enfeites rubros.

"A esquadra — diz Rio Branco — levou as tropas até a ponta do Diamante e parte della voltou a buscar a segunda brigada na praça da Colonia, porem não teve mais necessidade de forçar a passagem, porque "Mansilla, acreditando que ia haver desembarque, abandonou as suas peças e retirou-se precipitadamente para o interior" (5).

Pouco antes do tiroteio com as baterias de Toneleros, logo que subiram ao passadiço da capitánea, emquanto Paunero trocava algumas frases com Marques de Sousa e Grenfell dava suas ordens de combate, Mitre e Sarmiento, juntos, ficaram muito tempo a olhar na direcção de Buenos Aires. Sob o flammejar da luz ardente daquella hora, as verdes campinas resplandeciam como um tapiz de

esmeraldas. Ao longe, uns reflexos brancos de torres ou de monumentos.

— Buenos Aires! suspirou Mitre.

— Alli está Rosas, accrescentou Sarmiento.

— Quem virá depois de Rosas? indagou o primeiro em voz baixa, como si falasse comsigo mesmo.

— Eu! disse Sarmiento.

E Mitre, rápido, voltando-se para elle:

— Não. Depois de Rosas, eu. Agora, depois de mim, Você, si nos entendermos... (6).

---

(1) A figura de prôa desse navio historico, que, antes de ser capitânea de Grenfell em 1851, sob o commando de Lamego Costa, foi commandado pelo grande Tamandaré, em 1842, acha-se custodiada entre as reliquias do Museu Historico Nacional.

(2) "...teniente coronel por el fiat de Urquiza, pero que puso el sello a sus diplomas en el Tonelero, y en Caseros..." Carta de Sarmiento a Mitre, datada de 1.º de outubro de 1852, in Luis Alberto de Herrera — LA DIPLOMACIA ORIENTAL EN EL PARAGUAY, Montevidéo, 1919, vol. III, pg. 56.

(3) Esse oculo tambem se encontra nas collecções do Museu Historico Nacional.

(4) O grande pintor do almirantado inglês Eduardo De Martino fixou numa tela admiravel esse feito de armas. O referido quadro se acha no citado Museu.

(5) Para todas as minucias contidas nesta descripção, vêr Rio Branco — EPHEMERIDES BRASILEIRAS, edição do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1918, pgs. 594 e 595; Bormann — RO-

SAS E O EXERCITO ALLIADO, typ. Leuzinger, Rio de Janeiro, 1913, vol. II, pags. 43 á 47; e Eduardo de Urquiza — HISTORIA NUMISMATICA DE LA CAMPAÑA LIBERTADORA DE URQUIZA — Buenos Aires 1928, pgs. 47 e 48.

(6) — "Vé Ud. aquéllo? Alli está Rosas. Después de Rosas, yo.

A lo que Mitre se apresuró a responder:

— No. Después de Rosas, yo. Después de mi, vendrá Ud.... si nos entendemos". David Peña — Prologo á obra de Ramos Mejia, ROSAS Y SU TIEMPO, edição Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pg. XV.

A BATALHA DOS SANTOS LOGARES

"La victoria de Monte Caseros por si sola no coloca a la Republica Argentina en posesión de cuanto necesita. Ella viene a ponerla en el camino de su organización y progreso, bajo cujo aspecto considerada, esa victoria es un evento tan grande como la revolución de Mayo, que destruyó el gobierno colonial español).

(ALBERDI — "*Bases y puntos de partida para la organización politica de la Republica Argentina*").

Pag. 153
A Guerra do Rosas

Ao raiar o dia 3 de fevereiro de 1852, o Exercito Alliado Libertador vio-se em frente das tropas vermelhas de Rosas, que occupavam, como o diz Titára, testemunha presencial dos acontecimentos, uma posição eminentemente vantajosa. Eram perto de sessenta mil homens que se defrontavam para uma luta decisiva. O dictador de Buenos Aires commandava quinze mil de cavallaria, dez mil infantes e mil artilheiros com sessenta bôcas de fogo e tres estativas de foguetes a Congréve. Contrapunham-se-lhes vinte mil correntinos e entrerianos, na maioria de a cavallo, quatro mil brasileiros escolhidos e mil e setecentos uruguaios com cincoenta canhões (1).

Até alli, os libertadores não tinham encontrado impecilio serio desde a passagem

do Paraná. Na vespera, depois dos tiroteios de algumas guerrilhas, o general Pacheco, que commandava a vanguarda rosista, abandonára a excellente posição defensiva da Ponte de Márquez, mandando ridiculamente dizer ao seu chefe que receiava ser sorpreendido, e nem a elle foi apresentar-se: refugiou-se na chácara proxima de D. Jorge Witt, de onde não mais saío (2). E por isso o inimigo estava na noite de 2 para 3 de fevereiro a legua e meia do quartel general do tyranno, sem ser incommodado.

Nessa noite mesma, reuniram-se os tenentes de Rosas em conselho: o general Pinedo, os coroneis Chilavert, Pedro Diaz, Lagos, Jeronymo Costa, Sosa, Bustos, Hernández, Cortina e Maza. Era tão grande seu desanimo que falaram em pactuar com Urquiza e os brasileiros. Somente o decôro em face dos estrangeiros que invadiam sua patria os deteve ante essa resolução. D. Juan Manuel soube do que haviam discutido e não se sentio bastante forte para punil-os. Declarou-lhes somente que seu dever o obrigava a, no dia seguinte, acceitar a batalha e dirigil-a; mas,

si os chefes se recusassem a apoial-o, renunciaria ao poder. Então, a eloquencia do valente Chilavert, dizendo que a honra os forçava a combater e que Rosas vencedor tinha a obrigação de organizar constitucionalmente o paiz, e, vencido, a de nada supplicar ao inimigo, decidio a maioria a optar pela luta (3). Assim, antes da acção, já se enfraquecêra a tyrannia sangrenta. Estava ás portas da morte. Foi nessa occasião que o despota pronunciou a celebre frase:

— "Nosso verdadeiro inimigo é o Imperio, porque é Imperio!" (4).

Chilavert traçou o plano da batalha.

Pela manhã, as tropas tomaram suas posições, Rosas modificou, após ter percorrido todo o terreno, o que o seu commandante da artilharia projectára e o exercito occupou extensa linha em agulo obtuso com o arroio Morón, desde a quinta de Caseros até o acampamento dos Santos Logares, pequena cidade industrial com arsenaes, officinas e depositos de petrechos bellicos (5). A direita, ás ordens de Pinedo, composta de tres batalhões de infantaria, dos regimentos de cavallaria

de Santa Coloma e Belvis, com os canhões de Maza em bateria por traz de parapeitos, de fóssos e de palissadas, apoiava-se em Caseros e nas famosas casas de sotéa, pejadas de atiradores de escól. No centro, a maior resistencia: casas e trincheiras, o pombal da herdade transformado em fortaleza, a divisão de cavallaria de Vidéla, oito batalhões de infantes, intervallados pelas trinta peças de calibre 12, 8 e 4 de Hernández, Costa e Chilavert. A' esquerda os tres batalhões a pé de Pedro Diaz e as tres divisões a cavallo de Lagos. Em reserva, as duas divisões de cavalleiros de Bustos e Sosa (6).

Mas essa gente não tinha enthusiasmo pela ingrata causa que tentava defender e o seu general, sem estado maior, sem technicos, não sabia aproveitar as innegaveis vantagens dum terreno propicio. O seu exercito, na maioria, era um "exercito de presa, sem patria e sem lei", composto pela escória da provincia de Buenos Aires e de seus arredores (7). Não havia unidade na sua formação e as tropas verdadeiramente veteranas attingiam a pouco mais de dois mil homens. Alli estavam os

regimentos de Santa Coloma e dos Patricios de Buenos Aires, compostos de mulatos e negros, os Caçadores da Liberdade, os Restauradores com seu tambor-mór de gestos regrados por uma ordenança especial, o 4.° batalhão organizado com os remanescentes dos ex-Libertos de Buenos Aires recrutados pelos manejos dos antigos TASADORES militares de escravos, os hussardos agaloados, os couraceiros com colletes de couro cabelludo curtido ao sereno e rijo como aço, os dragões indios e mestiços, o batalhão NUEVA CREACIÓN disciplinado pelo celebre major Vicente Torcida, o 3.° de cavallaria de Mestre, que fôra official das tropas reaes espanholas, os caçadores de Rolón, os batalhões de Marinha, Liberdade, Independencia, Livres e Rebaixados; emfim, as desconnexas milicias de Lujon, de Chivilcoy, e de Dolores e Monsalvo, nas fronteiras do sul (8).

Entretanto, essa numerosa gente não tinha direcção tactica e estrategica. Faltava ao grande corpo a cabeça pensante e dirigente. Rosas — diz Mejia — "procurára sempre seu general sem encóntral-o" (9). Sua estrategia

era á gaúcha, a das boiadas que se guiam sem estourar e se conduzem a um ponto determinado com habilidade e gritos (10). Elle fôra miguelete na juventude e com esses voluntarios bárbaros é que aprendera militança (11). Não nascêra para combates serios (12).

O Grande Exercito Alliado Libertador occupou a lomba fronteira a Caseros e os Santos Logares. Formavam-lhe a esquerda quatro batalhões de infantaria oriental e um esquadrão de artilharia ligeira, ao commando do bravo coronel Cesar Diaz. O centro — posição de maior responsabilidade, pois devia atacar e romper a mais forte situação do inimigo, que era tambem o centro — fôra posto sob a chefia do brigadeiro Manoel Marques de Sousa. Compunham-no a divisão imperial, desfalcada do regimento de Osorio, com suas duas brigadas de caçadores a pé e sua excellente artilharia a cavallo. Auxiliavam-na os batalhões de infantes de Entre Rios e Santa Fé, com um esquadrão de artilheiros. A direita estava a cargo do proprio Urquiza, que commandava directamente as

infantarias entrerianas e correntinas de Galán, as artilharias de Pirán e Mitre, as cavallarias de Osorio, La Madrid, Medina, Galorga e Ávalos. Constituiam a reserva, sob o commando de López e Urdinarrain, duas divisões montadas (13).

Urquiza não era melhor general que Rosas. Numa carta a Saldias, Mitre refere-se á acção de Monte Caseros, reputa-a uma batalha final, logica, necessaria e fecunda: canhonheio preliminar, carga de cavallaria sobre uma ala, ataque das tres armas contra o centro e a outra ala, carga de Osorio "no vácuo" pela fuga do inimigo. Mas nella D. Justo esqueceu seu papel de commandante em chefe e tambem não teve estado maior que o susbtituisse. Carregou á direita, violentamente, como bom gaúcho, e não mandou ordens aos seus immediatos, deixando em inacção muito tempo mais da metade do exercito — quatorze mil homens! Tanto que se reunio no proprio campo um conselho espontaneo composto de Marques de Sousa, Pirán, Galán, Sarmiento e o proprio Mitre, o qual resolveu o avanço sobre o centro rosista, fazendo o co-

ronel Chenaut dar, em nome de Urquiza, ordem a outros commandantes para que secundassem o seu movimento (14).

Na sua parte de combate ao conde de Caxias, o general brasileiro assignala a demora em hostilizar o centro do adversario, declarando ter feito uma ponderação a proposito ao general Virasoro e resolvido tomar por si as deliberações necessarias.

Entre seis e sete da manhã, iniciou-se a luta com violento fogo de artilharia dos dois lados. Chilavert diz que Rosas passou a cavallo pelas suas tropas, entre acclamações, dizendo-lhe rapidamente:

— "Dou-lhe a honra de romper o fogo em primeiro logar contra os imperiaes!" (15).

Conta o futuro conde de Porto Alegre que Urquiza galopou pela testa de suas columnas, vivando o Brasil e o Imperador.

Máu grado as descargas de bala rasa e de metralha, as cavallarias de Urquiza carregaram galhardamente a esquerda rosista e a pugna começou. A divisão de Lagos sustentou bem o choque da carga. Mas os caval-

leiros de López avançaram em apoio do general em chefe e Lagos recuou, desfeito. Emquanto essas divisões se entrechocavam, a artilharia e a fusilaria dos parapeitos e casas fortificadas cobriam o campo de pelouros e balas. A infantaria rosina de Mathias Rivero desenvolvia sua linha de atiradores, causando grande mal aos alliados. Cesar Diaz, no outro extremo da fila, era quasi detido no seu avanço pelos canhões adversos. Os infantes de Galán estavam immoveis. Foi quando Marques de Sousa tomou as providencias que decidiriam a acção. A sua parte official deixa claramente lêr isso nas entrelinhas, embora o tom impessoal, a concisão e a discreção com que narra os factos.

Urquiza pretendeu envolver em silencio a brilhante actuação da divisão imperial. Cesar Diaz procurou tambem diminuir o valor decisivo da cooperação brasileira. Saldias e outros rezam pela mesma cartilha. Mas foi a formidavel infantaria do Imperio, sustentada pelo fogo das peças de Gonçalves Fontes, que tomou a baioneta a artilharia parapeitada de Chilavert e as terriveis casas de sotéa,

rompendo completamente a linha contraria. Na citada parte, Marques de Sousa lamenta ter o general em chefe levado para a direita o regimento de Osorio, que, aliás, alli deu a mais brilhante e decisiva carga, porque ficára sem cavallaria para perseguir o inimigo em franca derrota.

Esses mesmos que pretenderam empanar o arrojo de nossos soldados insensivelmente se contradizem. Saldias, depois de affirmar que os imperiaes não saíram do logar, diz que um batalhão brasileiro cercou o hospital de sangue dos rosinos, que ficava na rectaguarda (16). Como chegou lá sem romper as linhas de fogo? E Cesar Diaz affirma, nas suas MEMORIAS, que ao penetrar nas casas de sotéa o fez passando sobre cadaveres dos caçadores do Imperio, o que demonstra que esses alli tinham estado antes delle...

A alliança do Brasil, decisiva na campanha contra Rosas, repugnava no fundo, pelo velho espirito de rivalidade do Prata, aos prohomens do movimento. Compactuavam por não poderem prescindir della. Urquiza, no fundo, não supportava o Brasil (17). Elle re-

conhecia, durante a invasão, que Rosas era popular e lamentava não ter continuado a ser seu alliado, em vez de combatêl-o (18). Declarou isso muitas vezes em conversa (19).

Cerca de onze horas da manhã, a ala esquerda de Rosas estava destroçada e os cavallarianos de Osorio carregavam no vasio... A infantaria de Marques de Sousa rompia o centro. E por toda a extensa linha de batalha silenciava a artilharia. Rosas compreendeu que estava definitivamente derrotado. Porem ainda se apegou a uma esperança de resistencia. Ordenou a Bustos que carregasse, flanqueando os atacantes, afim de fazer uma diversão. A carga não teve resultado. Chilavert, que resistira aos uruguaios, cedeu ao empuxe dos brasileiros e retirou em desordem (20).

O combate proseguio enfraquecido por mais algum tempo, emquanto houve fusileiros encarapitados nas casas de sotéa. Ellas caíram em poder dos imperiaes uma a uma. Os ultimos esquadrões de Sosa fôram envolvidos. E seriam mais ou menos duas horas da

tarde, quando, vendo somente dispersos e fugitivos do seu exercito, Rosas, levemente ferido no pollegar, resolveu abandonar o campo da sua fragorosa derrota.

Protegido por alguns atiradores, que detinham a cavallaria entreriana, fugio a toda carreira de seu optimo cavallo pelo caminho de Matanzas. De todo o seu brilhante cortejo de officiaes somente lhe restava Lorenzo López, o ordenança fiel. Dirigio-se a Buenos Aires. Entrou pela rua Sola, amedrontado. E foi apear-se tristemente sob as frondosas arvores do Hueco de los Sauces (21). Sobre o joelho, num farrapo de papel, escreveu rapidamente a lapis sua renuncia ao cargo de governador, dirigida á Sala dos Representantes. Vestio o poncho do dedicado ordenança e pôz á cabeça o seu gorro, afim de não ser reconhecido. Mandou-o entregar o documento e buscar Manuelita. Tornou a montar e rumou para a legação da Inglaterra, onde pedio asylo.

A' meia noite, saía daquelle refugio, todo vestido de preto, pelo braço do residente bri-

tannico, Roberto Gore. Um secretario da legação dava o braço a Manuelita. Marinheiros inglêses da estação naval do Prata cercavam-nos sob as ordens de alguns officiaes de marinha. Um escaler levou-os tristes e solitarios, cortando as aguas negras, que aqui e alli os fanáes dos barcos e do porto avermelhavam, para bordo do CENTAUR.

Quatro dias depois, D. Juan Manuel e sua filha eram transladados para o CONFLICT, que os levaria a Southampton.

Assim terminou num dia a mais ensanguentada tyrannia da America.

---

(1) Estes effectivos são os que constam das EPHEMERIDES BRASILEIRAS do Barão do Rio Branco. Preferimol-os pela confiança que nos merece sempre a consciencioso documentação do grande brasileiro. Bormann dá a Rosas 56 canhões, 9 mil infantes, 14 mil cavallarianos e mil artilheiros, accrescentando que Mansilla tinha em Buenos Aires 5.700 homens de guarnição (ROSAS E O EXERCITO ALLIADO, Rio de Janeiro, 1912, 1913, vol. II, pg. 110). Saldias, na HISTORIA DE LA CONFEDERACIÓN ARGENTINÃ, La Facultad, Buenos Aires, 1911, vol. V, pg. 296, affirma que Rosas tinha 60 peças, 12 mil homens de cavallaria e 10 mil de infantaria. No mesmo volume, pg. 297, dá aos alliados 24 mil soldados e 50 bôcas de fogo. Aliás, as divergencias são minimas.

(2) Saldias, op. cit. vol. V, pgs. 287 e 288.

(3) Idem, pg. 291.

(4) Idem, pg. 292.

(5) Idem, pg. 296. Ramos Mejia, op. cit. vol. III, pg. 16.

Nos depositos dos Santos Logares encontraram-se grande copia de correame, munições e 5 mil fusis. Idem, pg. 151.

(6) Idem, idem.

(7) Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. III, pgs. 156 e 157, e CIRCULAR RESERVADISIMA DEL MINISTERIO DE GUERRA Y MARINA, datada de 14 de janeiro de 1830, na qual Rosas já mandava recrutar para a tropa "hombres prejudiciales por su conducta".

(8) Ramos Mejia, op. cit. vol. I, pg. 253, vol. III, pgs. 160, 161, 177 e 182; Arturo Capdevila — LAS VISPERAS DE CASEROS, Cabaut & Cia., Buenos Aires, 1928, pg. 182; Saldias, op. cit. vol. IV, pg. 352.

(9) Ramos Mejia, op. cit. vol. III, pg. 197.

(10) Idem, vol I. pg. 113.

(11) Saldias, op. cit. vol. I, pg. 13 e vol. II, pg. 13.

(12) General Paz — MEMORIAS.

(13) Saldias, op. cit. vol. V, pg. 297.

(14) Carta de D. Bartolomeo Mitre a Adolfo Sadias, na Introducção da HISTORIA DE LA CONFEDERACIÓN ARGENTINA, edição La Facultad, Aires, 1911, vol. I, pgs. XX, XXI, etc.

(15) Saldias, op. cit. vol. V, pg. 257.

(16) Idem, pg. 300.

(17) Herrera — BUENOS AIRES. URQUIZA Y EL URUGUAY, pag. 315.

(18) Cesar Diaz — MEMORIAS, pag. 269.

(19) Leopoldo Lugones — HISTORIA DE SARMIENTO, pg. 106.

(20) Saldias, op. cit. vol. V, pg. 302.

(21) Hoje praça 20 de Novembro.

(22) Saldias, op. cit. vol. V, pg. 305.

A BANDEIRA ROSINA

"Eram cinco horas da manhã do referido dia 3 de fevereiro, quando se descobrio o inimigo assomado no alto da coxilha e ponto denominado — CHACARA DE CACEROS, duas milhas ao norte da povoação de Morón, posição aquella eminentemente militar, e vantajosa..."

(SANTOS TITARA — "*Memorias do grande exercito alliado libertador da Sul America*").

Ao amanhecer o dia, quando o exercito alliado se estava preparando para a batalha, o 2.º regimento de cavallaria brasileira commandado por Osorio formava o extremo da direita da extensa linha de combate. Destacado por Urquiza da divisão de Marques de Sousa, fôra incorporado á divisão do general La Madrid que devia atacar as tropas de Buenos Aires pela esquerda. E o sol nascente illuminou os seus clavineiros estendidos em atiradores, sob o commando do capitão Dámaso dos Reis, procurando flanquear o inimigo.

A' distancia, sobre a coxilha de Caseros, a luz do dia faiscava nas armas da dilatada linha dos rosistas, cuja formidavel artilharia começava a se fazer ouvir. O ribombo dos canhões ecoava ao longe. A mosquetaria crepitava. Os clarins uivavam agudamente. E no

ar tremulavam as bandeiras federaes no viso dominador da eminencia (1).

Uma dellas agitava-se triunfal sobre as baterias da esquerda inimiga, de onde vinham, terriveis e ziguezagueantes, os foguetes de guerra duma estativa Congréve. Um dos clavineiros do regimento de vez em quando a olhava com um sorriso brejeiro e dizia ao companheiro mais proximo, socando a vareta no cano da arma:

— Barbaridade! Eu hoje tomo aquella bandeira!

Os atiradores avançavam, para o inimigo, protegendo-se com as anfractuosidades do terreno. Depois, os lanceiros vieram atraz delles, trazendo-lhes os cavallos. Montam. Todo o regimento se estende em linha para carregar. A espada invencivel de Osorio rebrilha no espaço e a gaúchada abala a galope, fazendo estremecer o chão. As guarnições das peças abandonam-nas vergonhosamente e fogem, tomadas de panico, em todas as direcções. Os brasileiros lanceiam e sabreiam os poucos que resistem, perseguem e aprisionam os debandados. Reconhecendo a

fuga, foi uma carga no vácuo, diz um historiador argentino. A voz de Osorio domina o combate:

— Não matem! Não matem!

Das casas de sotéa, cheias de atiradores, as balas chovem sobre os bravos do 2.º regimento. Cáem mortos os tenentes Francisco Monteiro e Norberto Rosado. E, quando elle reforma os seus esquadrões victoriosos, Urquiza apparece-lhe de poncho e cartola, brandindo a lança. Avista entre os que se haviam rendido o coronel Santa Coloma, um dos peores verdugos ao serviço de Rosas, cuja especialidade era degolar suas victimas pela nuca. Avista-o. Os olhos se lhe injectam de sangue e elle ordena a dois soldados do piquete de escolta do general La Madrid:

— Degolem aquelle sujeito pela nuca! (2).

Durante a perseguição dos artilheiros e dos infantes que os protegiam, o soldado do 2.º regimento a quem já nos referimos não perdeu de vista a bandeira cobiçada. Abrio a sabre o seu caminho por entre os inimigos e conseguio alcançar os que a levavam. Eram

tres. Deram-lhe uma descarga que lhe abateu o cavallo. A pé, derrubou um a tiro de pistola e ferio o segundo a arma branca, tomando-lhe o pavilhão argentino. O terceiro fugio. O gaúcho apanhou no campo um cavallo sem dono e formou na fileira do seu esquadrão.

Osorio passava rapidamente em revista as presas do combate: 80 prisioneiros, muitos cavallos e carretas, canhões e armamento, a carruagem de Santa Coloma. De repente, seu olhar depara o cavallariano com a insignia argentina.

— Que é isso? pergunta.

— E' uma bandeira dos gringos que eu tomei, senhor commandante.

E o gaúcho desfralda o estandarte rosino. As suas raias azues escuras, quasi negras, separadas por uma risca branca, tremulam, mostrando aos cantos quatro vermelhos barretes phrygios que parecem quatro manchas de sangue (3).

Osorio estende-lhe a mão leal, que o soldado aperta, os olhos rasos de agua. E diz-lhe:

— Enrole a bandeira e entregue-a ao quartel mestre. Dê-lhe tambem o seu nome.

A historia, felizmente, não esqueceu o appellido do herói. No seu officio de 12 de fevereiro ao governo imperial, o conde de Caxias diz, textualmente: "Pelo capitão Ernesto Antonio Lassance Cunha, envio a V. Ex. uma bandeira tomada ao inimigo no campo da batalha por um soldado do 2.° regimento de cavallaria ligeira, ao qual mandei dar duzentos mil reis de gratificação e tres mezes de licença com soldo, para gosal-a na provincia do Rio Grande do Sul de onde é natural". Não lhe citou o nome (4). Elle consta, todavia, da parte do bravo Osorio a Caxias. Chamava-se simplesmente José Martins (5).

---

(1) Todos os pormenores do episodio tão tomados das partes officiaes do brigadeiro Marques de Sousa e do tenente coronel Manoel Luis Osorio.

(2) Bormann — ROSAS E O EXERCITO ALLIADO, Rio de Janeiro, 1912 e 1913, vol. I, pg. 95.

(3) "Como se sabe, la bandera de Rosas no era la NACIONAL ARGENTINA, sancionada por la memorable Asembléa (de Tucuman). Sus colores azul obscuro, casi negro, ostentaban en sus cuatro puntas un gorro frigio colorado." Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, Atanasio Martínez, Buenos Aires, 1927, vol. I, pg. 144, nota.

(4) O governo imperial restituio mais tarde esse tropheo á nação argentina. Affirma-o Rio Branco — EPHEMERIDES BRASILEIRAS, data de 18 de Fevereiro, pg. 62.

(5) Fernando Osorio — HISTORIA DO GENERAL OSORIO, Leuzinger, Rio de Janeiro, 1894, vol. I, pg. 523.

O VENCEDOR DE CASEROS

"... el centro arrojaba con *inaudita bravura* de sus posiciones al salvaje tiranno y sus ordas de esclavos..."

(Parte do general *La Madrid* a *Urquiza*).

Escrevendo na revista portenha **Criterio**, o romancista argentino Manuel Gálvez assim se refere a um topico de Jourdan: "...que le llama a Porto-Alegre, por haber combatido contra Rosas junto a Urquiza... el vencedor de Caseros!" (1).

A gracinha não tem ao menos o merito da originalidade. Ella está numa notinha em typo miudo, em baixo da pagina 159 do 3.º volume da **Guerra del Paraguay** de Beverina (2): "... Jourdan aplica **modestamente** al barón de Porto-Alegre el titulo de **vencedor da batalha de Caseros** (!?)".

Pois bem, apesar das ironias de Beverina e Gálvez, nós estamos no Brasil na dôce illusão de que a divisão brasileira de Manoel Marques de Souza foi quem decidio em verdade a batalha de Caseros. Mesmo, porém, que o seu papel não tivesse sido o principal,

Porto Alegre fôra um dos vencedores da pugna e poderia ser chamado por Jourdan vencedor, sem exaggero, como o foi. Sabemos perfeitamente que, não tendo nunca um general argentino derrotado as nossas tropas nos suburbios do Rio de Janeiro e neste com ellas desfilado triunfalmente, bandeiras desfraldadas, musicas tocando, embora ao lado de revolucionarios nossos, não é nada agradavel aos nossos amabilissimos vizinhos que Porto Alegre tenha conseguido essas duas glorias.

Eis como se explica que um espirito cultissimo como Ramos Mejia tenha parado a sua magistral obra **Rosas y su tiempo** justamente quando se ia levantar o panno para a entrada dos brasileiros; que Saldias, panegyrista do tyranno, na **Historia de la Confederación Argentina,** no esboço que traça da batalha, marque o movimento da divisão brasileira como si ella tivesse avançado até meio caminho das linhas inimigas e retrocedido á sua posição anterior sem dar um tiro; e que Gálvez desenterre das notas de Beverina a pilheria...

Na sua parte da batalha de Caseros (3), o

proprio Urquiza declara: "El centro medio de nuestra linea, dispuesto para una resistencia tenaz, era mandado por el brigadier del Imperio, jefe de la Division Brasilera, don Manuel Marques de Sousa..." Mais adeante (4): "... dispuse el ataque general, ordenando a la división de caballeria del coronel Urdinarrain se corriese al frente de nuestra izquierda a desbordar la derecha del enemigo, al mismo tiempo que la división oriental, apoyada por dos batallones del Ejercito Brasilero y descabezando un obstáculo, atravesaba los pantanos del centro de la Cañada intermediaria entre ambas lineas, bajo el amparo de los fuegos de las baterias del centro (5), que adelantaban para traer sobre si la atención de las baterias enemigas, a fin de tomar posiciones en columnas de ataque, formando ángulo recto sobre la derecha del enemigo, amenazando su retaguardia y dando frente a las fortificaciones de carretas que las defendiam". E, por fim: "Envuelta la derecha enemiga y asaltada a la bayoneta por las fuerzas orientales y brasileras, **al mismo tiempo que nuestro centro se aproximaba a su linea** (6), la derrota no tardó en pronunciarse, no

obstante la **resistencia tenaz** de las baterias y batallones atrincherados en la cusa de Monte Caseros, y el incendio del campo por ese lado, y en el frente que tenia que recorrer **nuestro** centro (7), en su avance sobre el enemigo".

O argentinismo de Urquiza é conhecidissimo. Sua má vontade para comnosco, proverbial. Seu descendente, Eduardo de Urquiza, autor da **Historia Numismatica**, citada, confessa isso claramente no seu livro (7). Pois bem, apesar do seu argentinismo, a parte do caudilho entreriano é o melhor testemunho da actuação decisiva dos brasileiros em Caseros. Ella declara que o centro — **disposto para tenaz resistencia** — era composto pela divisão de Marques de Sousa e que **dois batalhões nossos** (uma brigada), apoiaram a divisão oriental. Com estes dados, analysemos a parte em questão. Segundo ella diz, a derrota, após as eternas cargas de cavallaria nas alas, tactica conhecidissima de Urquiza que Beverina critica admiravelmente, só se pronunciou depois que as posições da direita inimiga foram assaltadas e envolvidas por orientaes e brasileiros, ao mesmo tempo que **nuestro centro**, isto é, a divisão imperial de

Porto Alegre, pronunciava o seu ataque. Ora, o centro era a parte mais forte do inimigo: **la resistencia tenaz de las baterias y batallones atrincherados... el incendio del campo.** Quem superou todos esses obstaculos, **en su avance sobre el enemigo,** depois do que se pronunciou a derrota? **Nuestro centro,** declara Urquiza. Portanto, é bastante substituir em todos os logares da parte onde o **argentinismo** de Urquiza pôz **nuestro centro** estas palavras pelas que lhe correspondem: a divisão brasileira, e veremos que foi ella quem **de verdade** venceu em Caseros.

A parte de Porto Alegre ao conde de Caxias combina nas suas linhas geraes com a de Urquiza, o que comprova a veracidade dos factos nellas narrados. Nesse documento commedido e modesto, o general brasileiro pinta a posição do centro inimigo tal qual a descreve Urquiza: "...senhor de duas casas de sotéa, onde entrincheirou 3 batalhões de infantaria, tendo além disto a sua direita apoiada por um forte banhado. Não obstante esta superioridade, o exercito tomou a formatura conveniente, occupando as forças de meu commando o **centro** da linha de batalha". Um

pouco mais longe declara: "... ordenou-me que atacasse o centro da linha inimiga logo que sentisse os movimentos da infantaria que ficava á minha direita ao mando do coronel Galán, devendo a divisão oriental carregar sobre o flanco direito" (8). E Marques de Sousa prosegue: "Dispuz as forças para este movimento, e só depois das 11 horas é que o general Virasoro, ponderando-lhe eu a demora que havia em hostilizar o inimigo, respondeu-me que o general em chefe estava naquelle momento acommettendo o flanco esquerdo e rectaguarda do inimigo, e que a divisão oriental ia avançar pelo flanco direito. Logo que vi esta divisão pôr-se em movimento, entendi que, além de outras providencias a tomar, a devia proteger por se dirigir ao ponto mais forte; mandei avançar a artilharia para logar de onde pudesse bater o inimigo, e distrair seus fogos daquella divisão (9). A' primeira brigada determinei que avançasse em auxilio dos orientaes, no emtanto que eu á testa da segunda o fazia de frente sobre a dita posição. Este movimento arriscadissimo teve um brilhante exito...".

Porto Alegre dá pormenorizadamente

conta do combate e accrescenta: "Apesar de tão assignalada derrota, comtudo ainda o inimigo conservava á nossa direita uma bateria de quatorze bôcas de fogo: avancei contra ella com o batalhão 6 de infantaria, e tal foi o valor dos defensores que sómente abandonaram o seu posto quando nos viram a 80 ou 100 passos de distancia".

Urquiza deixára a batalha tão sem direcção que Porto Alegre, tendo reclamado cavallaria para ultimar a sua victoria, não teve quem o attendesse e, como elle proprio diz: "mandei ordem a um corpo de cavallaria que vi mais proximo para ajudar-me a perseguir o inimigo que se retirava".

As nossas tropas tomaram aos rosinos 34 canhões, duas estativas de foguetes, dezenas de carretas com munições, bagagens, fardamentos, armas, equipamentos, 2 mil prisioneiros, 3 mil cavallos, a carruagem do coronel Santa Coloma, principal assecla de Rosas, e uma bandeira argentina, a unica tomada na batalha, da qual se apoderou um soldado do 2.° regimento de cavallaria commandado por Osorio, cuja acção foi brilhantissima. Seu che-

fe conduzio-se com bisarria admirable (10) e seus valentes soldados carregaram sobre los ultimos restos de la infanteria del tirano, obrigando-os al abandono de los obuses y tres ó cuatro cañones con que se dirigian haciendonos fuego más allá de Morón (11).

O general Mitre, na carta que escreveu a Saldias e se encontra no prefacio da obra deste autor, diz, nas paginas XX, etc., que a batalha de Caseros se resume nisto: canhoneio preliminar, carga de cavallaria sobre uma ala, ataque sobre o centro e outra ala, carga de Osorio no vasio (11) pela fuga do inimigo. Accrescenta ainda que Urquiza esqueceu seu papel de commandante em chefe e não teve chefe de estado maior que o substituisse, deixando durante a batalha 14 mil homens inactivos. Mitre esteve presente á acção como official de artilharia e assegura que, no campo, se reuniu um conselho de guerra eventual, composto de Marques de Sousa, Piraú, Galán, Sarmiento e o proprio Mitre, o qual, por proposta do primeiro, resolveu o ataque ao centro rosista, fazendo-se o coronel Chenaut dar ordem a outros commandantes para se-

cundarem esse movimento em nome de Urquiza (12).

Vejamos o caso por partes, seguindo o schema traçado por Mitre: canhoneio preliminar — a artilharia de Urquiza era parca e mal dirigida, coube a acção á boa artilharia do Imperio sob as ordens de Gonçalves Fontes; carga de cavallaria sobre uma ala — effectuada pelos confederados com Urquiza, sendo que o regimento brasileiro n.° 2, sob o commando de Osorio, foi o que formou á testa da columna, deu a carga inicial e a carga final (13); ataque ao centro — levado a effeito por Marques de Sousa com a divisão imperial; ataque da outra ala (direita) — realizado pelos orientaes e brasileiros, os primeiros eram 1.700 homens, calcula Rio Branco, 1.880 calcula Bormann, os segundos, 1.ª brigada imperial, deviam superal-os, porque, conforme Titara, o effectivo da divisão, duas brigadas, attingia 4.020 homens.

Como esconder que foi a actuação brasileira que decidio a victoria? (14).

Ante os titulos irrefutaveis que ahi se acham, qualquer escriptor póde qualificar o

conde de Porto Alegre como vencedor de Caseros, serenamente, sem receiar as alfinetadas da ironia. E, como vencedor de Caseros, elle entrou em Buenos Aires de espada desembainhada, commandando os soldados vencedores das hordas escarlates de Rosas.

---

(1) Manuel Gálvez — RENCILLAS FRATERNALES — "CRITERIO", Buenos Aires, Junho, 1929.

(2) Teniente-coronel Juan Beverina — GUERRA DEL PARAGUAY, edição Ferrari, Buenos Aires, 1921.

(3) Eduardo de Urquiza — HISTORIA NUMISMATICA DE LA CAMPANA LIBERTADORA DE URQUIZA, Buenos Aires, 1928, pg. 65.

(4) Idem, pg. 66.

(5) Artilharia a cavallo brasileira do major J. J. Gonçalves Fortes.

(6) O grypho é nosso.

(7) Idem.

(8) Santos Titara — MEMORIAS DO GRANDE EXERCITO ALLIADO LIBERTADOR.

(9) "...las baterias del centro que adelantaban para traer sobre si la atención de las baterias enimigas...", diz a parte de Urquiza, comprovando o que conta Marques de Sousa.

(10) Parte do general Gregorio Araoz de La Madrid ao general Urquiza **in** HISTORIA DO GENERAL OSORIO, vol. I, pg. 520.

(11) Idem.

(12) Repetimos o que já ficou dito no capitulo **A Batalha dos Santos Logares**, porque se torna necessario á clareza de nossas deducções.

(13) Antonio Diaz — HISTORIA POLITICA E MILITAR DE LAS REPUBLICAS DEL PLATA, vol. IX. Santos Titara — MEMORIAS DO GRANDE EXERCITO ALLIADO LIBERTADOR, **Plano de Batalha.** HISTORIA DO GENERAL OSORIO, vol. I, pgs. 518 a 524.

(14) Basta pôr nos documentos argentinos a designação **Divisão Imperial Brasileira** onde quer que se leia **nuestro centro**... Por exemplo, o general La Madrid, **loc cit.**, affirma que **el centro, con inaudita bravura** foi quem lançou fóra de suas posições o tyranno e suas hordas...

A ENTRADA TRIUNFAL EM BUENOS AIRES

"Venian enfin tropas decentes, es la palabra... Llegáron los brasileros..."

(SARMIENTO — *Campaña en el ejercito grande alliado*").

Raiára soberbo e lindo o dia 18 de fevereiro de 1852 (1). No cobalto do céo espanado de nuvens, o olho de fogo do sol espargia seus raios offuscantes. A luz farta e tépida lavava a paisagem verde e o casario baixo e claro da antiga Buenos Aires, que se engalanára toda para receber os seus libertadores.

Tomada a chácara de Monte Caseros pelas baionetas da divisão brasileira, o dictador corrêra assombrado até sua capital e mettêra-se num navio inglês, rumo da Europa. Então, livre da obsessão do vermelho, dos pelotões de execução, dos degoladores profissionaes, da selvageria da mashorca e do predominio dos negros, a cidade respirára desafogada e sorpresa, sorrira á luz do dia e se ataviára para a recepção daquelles que, com seu valor e seu sangue, a tinham livrado do pesadêlo.

A alma dos seus próceres, entretanto, doía que palmilhassem ovacionados aquellas ruas os soldados imperiaes. A GACETA MERCANTIL synthetizára essa opinião na sua frase incisiva: "Que no vengan los brasileros, que no vengan extrangeros". (2). A proposito, Luis Alberto de Herrera escreve: "Ya la entrada de sus milicias en la capital, legitima coronación de un formidable episodio, desata indignaciones" (3). Embora nessa epoca o espirito de nacionalidade fôsse um tanto informe, segundo o reconhece Ayarragaray, (4) magoava o amor proprio portenho o triunfo dos seus vizinhos e inimigos tradicionaes. Saldias lança sobre o assumpto este periodo: "un ejercito extranjero paseandose a banderas desplegadas por las calles de esa ciudad, donde tan sólo uno, el britanico, habia entrado, pero para rendir sus armas en la plaza de la Victoria!" (5).

Após a derrota dos rosistas em Morón, o grande exercito alliado acampára na propria quinta do dictador, onde passára a noite. No dia seguinte, marchára em direcção á capital

e viera armar suas tendas e ranchos em Palermo de San Benito.

Em Buenos Aires, o general Mansilla, cunhado de Rosas e por este, nos ultimos momentos, nomeado governador da cidade, embora tivesse cerca de seis mil homens, portava-se com a mesma frouxidão que demonstrára em Toneleros, de modo que as ruas caíram completamente nas mãos da canalha. A desordem e o saque chegaram a tal ponto que uma commissão chefiada pelo bispo Escalada procurou o general Urquiza e pediolhe que tomasse conta da capital. Urquiza recebeu a delegação portenha muito bem e mandou alguns batalhões policiar as ruas e fusilar os malfeitores, nomeando ao mesmo tempo o presidente do Tribunal de Justiça, D. Vicente López, governador. O major general Benjamin Virasoro, encarregado do serviço de policiamento, aprisionou a divisão Aquino que desertára, depois de revoltada, para o partido rosista, e os officiaes de Oribe, que haviam capitulado em Montevidéo. Fôram todos passados pelas armas. Entretanto, os caudilhos da Mashorca, temidos de toda a

população, Pablo Alegre e Masa, esses passeiavam livremente pelas ruas (6). O inutil derramamento de sangue arrefeceu muito o enthusiasmo portenho pelo seu libertador.

A repugnancia em consentir na entrada das tropas imperiaes traduzio-se em actos. Herrera reconhece-a: "...hubo apremio, en seguida de Caseros, para alejar a las tropas extranjeras, que parecian ofender con su presencia el orgullo de una raza altiva..." (7). Na vespera da entrada, á noite, estando o exercito acampado em Palermo de San Benito, Urquiza procurou na sua barraca de campanha o commandante da divisão brasileira, brigadeiro Marques de Sousa, futuro conde de Porto Alegre. Fazia-se acompanhar por Cesar Diaz, chefe dos mil e poucos uruguaios que tinham participado da luta, pelo general La Madrid, pelo governador Virasoro e pelo general Mansilla.

Marques de Sousa recebeu-os com um sorriso nos labios, cofiando a barba muito preta. A sua figura elegante e fina, tal qual Tirone a pintou no celebre quadro O JURA-

MENTO DA PRINCEZA ISABEL (8), cingida na farda escura florida de bordados, resaltava entre os vultos pesados e os duros perfis daquelles guerreiros dos pampas. A physionomia nobre e serena era a dum grande fidalgo da velha GUERRE EN DENTELLES. O olhar claro e dominador marcava o desassombro e a franqueza de sua alma. O peito saliente, a cintura fina demonstravam sua força physica. Gaúcho varonil e fidalgo, nunca haveria de perder essas caracteristicas de sua rara personalidade.

Encanecido e coberto de crachás, tenente-general e conde, a maior figura militar do Brasil depois de Caxias e Osorio, a America ainda haveria de vêl-o, de grande gala e espada na mão, como os marechaes napoleonicos, combatendo junto ao cavallo morto, no respaldo das trincheiras de Curupaiti e na lama sangrenta do campo de Tuiutí, a 3 de novembro de 1867.

Fez uma inclinação de cabeça aos visitantes. Urquiza estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Senhor brigadeiro, vim apresentar-lhe o general Mansilla, que tem algumas consi-

derações a fazer-lhe sobre a nossa entrada em Buenos Aires amanhã. Marques de Sousa cumprimentou o argentino. As ordenanças accendêram mais algumas velas e approximaram tamboretes. Todos sentaram-se.

Então, Mansilla, dirigindo-se ao chefe brasileiro, disse-lhe:

— Desculpe o general a minha intervenção, mas sou patriota e o meu dever, tendo sido governador de Buenos Aires e conhecendo bem a indole de sua população, é prevenil-o do que ha. Expliquei o meu ponto de vista ao general Urquiza e este aconselhou-me a procurar pessoalmente V. Ex. Eis por que me encontro aqui.

Fez uma pausa, tossio ligeiramente e proseguio:

— Acho inconveniente a entrada das tropas brasileiras e uruguaias na cidade. São pouco numerosas em relação ao exercito entreriano-correntino e poderão dar ao publico a idéa de que pequeno foi seu auxilio para a victoria, o que augmentará a humilhação da capital pisada pelo estrangeiro. Devemos evitar manifestações desagradaveis da popu-

lação áquelles que, desta ou daquella fórma, se promptificaram a ajudar uns argentinos contra outros. Devemos tambem evitar os excessos, infelizmente sempre communs, por parte de soldados estranhos, numa cidade indefesa que se entrega. E' melhor prevenir do que remediar...

O general brasileiro ouvira tudo até alli serenamente, uma ruga na testa alta. Já não era a primeira vez que procuravam dissuadil-o de entrar na capital argentina. A'quellas ultimas palavras, pôz-se de pé e respondeu, rispido:

— Senhor general, a disciplina existe nas tropas do Imperio e seus generaes sabem mantêl-a. Foi essa disciplina que decidio da batalha de Caseros, que fez calar a artilharia rosista e tomou as casas de sotéa. Não a vencêram, por mais que isso apregôem, as cavallarias milicianas que carregaram á margem do Morón, porem a minha divisão que assaltou e tomou o reducto de Rosas, e representa neste momento o exercito de reserva do conde de Caxias, prestes ao menor signal na Colonia do Sacramento, factor moral por excellencia

da queda do tyranno. E as provincias de Corrientes e Entre Rios, subsidiadas e armadas pelo Imperio, somente ousaram marchar depois que o meu governo lhes fez saber que com ellas, sem ellas ou mesmo contra ellas guerrearia Rosas. A victoria desta campanha é uma victoria do Brasil e a divisão imperial entrará em Buenos Aires com todas as honras que lhe são devidas, quer V. Ex. ache conveniente ou não.

Profundo silencio. Urquiza riscava o sólo com a ponta do rebenque. Cesar Diaz torcia o fiador da espada. La Madrid mordia o bigode. Virasoro cravava os olhos no chão. E Mansilla estava muito pallido (9).

Foi Urquiza quem primeiro falou:

— E' uma simples questão de opinião. Nada mais. O general Mansilla pensa dum modo. O general Marques de Sousa, de outro. Não chegaram a um accordo, mas isso não impede que amanhã todos participemos do triunfo.

E, trocados os cumprimentos, partiram.

No dia seguinte, não só a natureza foi

pródiga de belleza e de luz. Na frase do grande Sarmiento, tambem Buenos Aires esteve sublime. E accrescenta o autor de FACUNDO: "era um monumento da grandeza humana evocada de entre o sangue e as ruinas... O triunfo chegou á praça, onde, ante a frontaria grega da cathedral, havia uma archibancada em que tomavam assento oitocentas senhoras das mais distinctas" (10). "A medio dia el general Urquiza, montado en un soberbio caballo del general Rosas, con poncho, sombrero de copa alta, adornado con el cintillo punzó y seguido de su estado mayor, cruzó la plaza del Retiro, y entró en la calle del Perú a la cabeza de la gran columna de infanteria y artilleria, cuya retaguardia cerraban las divisiones de caballeria" (11).

E desfilou o exercito vencedor, subindo a rua do Perú, entrando na da Federação e indo ter á praça da Victoria, dahi ganhando o acampamento de Palermo pelo Paseo de Julio.

A' frente, pala de vicunha ao vento, farda azul bordada a oiro, D. Justo José de Urquiza, com a sua cartola preta cintada de vermelho, porque elle se apregoava, apesar de

tudo, federal (12). Seu variegado estado-maior, fardas e ponchos confundidos.

Passam em seguida os regimentos da propria provincia de Buenos Aires, desalinhados e deselegantes, de xiripás vermelhos os de a cavallo, de gandólas rubras os de a pé. E a monotonia dessa côr bárbara parecia exprimir que a sangueira das oppressões e das contendas civis ainda haveria de continuar. A multidão estava muda. As senhoras voltavam o rosto.

O sombreiro largo açoitado de vento, a farda azul bordada a oiro, Virasoro apresentava-se sorridente, seguido pelas tropas de Corrientes e de Entre Rios. A infantaria do coronel Galán, de pederneiras ao hombro. As cavallarias de armamento e uniformes disparatados de La Madrid, de Hornos, de Salazar. As artilharias de Pirán e de Mitre, arrastando ainda falcões e colubrinas do tempo colonial com as armas dos Philippes e dos Carlos nas culatras.

Uma salva de palmas no palanque. Surge, rodeado de jovens officiaes, bem montado e bem fardado, o coronel Cesar Diaz. Seus uru-

guaios marcham em bôa ordem, os shakos lustrosos, casacas azues, correames brancos trançados sobre o peito e as costas, ao som das bandas marciaes. São quatro pequenos batalhões e um lusido esquadrão de artilharia ligeira.

Uma aragem mais forte agita, como que de proposito, as innumeras bandeiras brasileiras pedidas por emprestimo aos nossos navios de guerra, para enfeitar fachadas e ruas. Vôam no ar os chapéos. A multidão prorompe em vivas. Salvas e mais salvas de palmas freneticas. As senhoras do palanque põem-se de pé. E' a divisão imperial que vae desfilar.

A charanga da cavallaria rompe a marcha, clangorando um dobrado enthusiasta. Depois, o brigadeiro Marques de Sousa, em grande gala, o bicornio emplumado, os alcachôfrados de oiro, os canutões e as véneras reluzindo. Rodeia-o brilhante estado maior empennachado: os capitães André Alves de Oliveira Bello, Augusto Frederico Pacheco e Lassance Cunha, o tenente Basileu Gonzaga e o alferes Bethzebé Nery.

Um pouco atraz, solitario no seu cavallo

castanho, um tenente-coronel de cavallaria, peito forte, olhar dominador, a barba muito negra, farda azul de canhões rubros, talim de torçal doirado. E' Manoel Luis Osorio. Em esquadrões compactos seguem-no os seus terriveis dragões do 2.° regimento, cobertos de gloria em Morón. Trazem chapeirão negro soqueixado por um barbicaixo, pantalonas alvas, tunicas azúes escuras com carcellas encarnadas e vivos brancos, talabartes e cananas. uma bandeirola vermelha losangulada de neve, com o numero do corpo, na comprida lança de cruzeta.

Vinham as "tropas decentes" de Sarmiento: a brigada de Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto com o 5.°, o 6.° e o 7.° batalhões de caçadores, commandados por Pecegueiro, Luis Ferreira e Bruce; a brigada de Feliciano Falcão com o 8.°, o 11.° e o 12.° de caçadores commandados por Carlos Resín, Francisco Victor e Tamarindo; e o BOI DE BOTAS, o famigerado 1.° regimento de artilharia a cavallo, chefiado pelo major José Joaquim Gonçalves Fontes (13). Um rufo compassado de tambores e, após: as bandas de musica to-

das verde e prata, bombos estrondando, arvores de campainhas agitadas no ar, os tambores móres floreteando os bastões, os sargentos usando ainda piques, como no tempo de Napoleão I, os officiaes com dragonas de canutilho ou de canutão doirado, todas as faixas encarnadas, os paramentos negros, negras as polainas, calças azúes, blusas verdes, correames pretos, gorros baixos, o réfle de copo de espada calado na carabina de fulminante, e sobre elles as bandeiras imperiaes tremulando (14).

Passaram sob a maior acclamação jamais vista na capital argentina, parecendo que a população, consciente do que lhes devia, desejava indemnisal-os do silencio que sobre sua actuação em Monte Caseros até então guardára Urquiza e da tentativa de diminuição da parte de Mansilla.

A' esquina da rua Corrientes, havia uma casa toda fechada. Logo que o general Urquiza a defrontou, Purvis, seu grande e feroz mastim, companheiro e guarda fiel de todas as horas (15) que seguia o seu cavallo, pôz-se a latir. E' que uma das janellas se abri-

ra e della um vulto de mulher fazia gestos descompassados. Era a senhora Ventura Matheus, mãe do coronel Paz, morto no combate de Vences, que gritava injurias ao governador de Entre Rios.

— Assassino! Assassino! bradava como louca (16).

Adeante, no cruzamento da rua Temple, um começo de vaia silvou entre grupos de populares, ante as tropas do Brasil. Marques de Sousa voltou-se a meio na sella e o seu corneteiro de ordens deu o signal de sentido. O assobio morreu no ar... (17).

O povo rompeu os diques oppostos pela policia e rodeou o estado maior e as tropas do Imperio, ovacionando-os, sem se incommodar com as cavallarias de Pablo López, de Medina, de Ávalos e de Urdinarrain, que fechavam o longo prestito militar. E, assim, levou-os até a praça da Victoria.

Mais tarde, todos os corpos tinham regressado aos seus quarteis e acampamentos. As ruas estavam quasi desertas. Perto da Re-

colleta, o general Marques de Sousa vinha a passo, com seu estado maior, recolhendo ao acampamento, após ter providenciado sobre a acommodação de seus soldados.

Um homem á paisana caminhava em sentido contrario. Deteve-se á borda do passeio e tirou o chapéo:

— Sr. general, bôa tarde! disse.

Marques de Sousa sofreou o cavallo e fez-lhe continencia:

— Sr. Sarmiento, como tem passado?

Estendêram-se as mãos com affecto.

— Então, perguntou o grande argentino, que tal a ovação?

E o grande brasileiro:

— Não esperava, meu amigo, uma manifestação dessa ordem. Foi para mim uma felicidade ter conhecido esse povo (18).

---

(1) Os autores argentinos e uruguaios, sobretudo Herrera e Saldias dizem que a entrada em Buenos Aires se realizou no dia 20 de fevereiro, anniversario de Ituzaingó. Entretanto, o barão do Rio Branco, nas EPHEMERIDES BRASILEIRAS, marca-a no dia 18. Conhecedores que somos da formidavel documentação do notavel estadista sobre esses assumptos e de seu cuidado nessas minucias, preferimos acompanhal-o.

(2) GACETA MERCANTIL, janeiro de 1851.

(3) BUENOS AIRES, URQUIZA Y EL URUGUAY, 1919, pg. 20.

(4) Lucas Ayarragaray — LA ANARQUIA ARGENTINA Y EL CAUDILLISMO, Lajouane, Buenos Aires, 1925, pg. 62.

(5) Saldias — HISTORIA DE LA CONFEDERACIÓN ARGENTINA, La Facultad, 1911, vol. V, pg. 312.

(6) Bormann — ROSAS E O EXERCITO ALLIADO, Rio de Janeiro, 1912, vol. II, pgs. 129 etc.

(7) Herrera, op. cit. pg. 22.

(8) Este quadro como todos os esboços que para elle serviram acha-se no Museu Historico Nacional. Os esboços foram offerecidos pela Viscondessa de Cavalcanti, quę os recebeu do proprio pintor.

(9) Nas EPHEMERIDES BRASILEIRAS, na data de 18 de fevereiro, o barão do Rio Branco mostra como Mansilla procurou impedir a entrada dos brasileiros em Buenos Aires.

(10) Sarmiento -- CAMPAÑA EN EL EJERCITO GRANDE ALIADO.

(11) Saldias — UN SIGLO DE INSTITUCIONES, tomo I, pg. 299.

(12) Todos os autores, Sarmiento e Bormann especialmente, pintam Urquiza usando ridiculamente uma cartola com a farda. A iconographia confirma o facto. Vemol-o assim na gravura famosa da batalha de Caseros, de Carlos Penuti, impressa na typographia volante do Grande Exercito Alliado, em que elle commanda a direita de suas tropas no momento de carregar o inimigo. Vide Eduardo de Urquiza — HISTORIA NUMISMATICA DE LA CAMPAÑA LIBERTADORA DE URQUIZA, Buenos Aires, 1928, pg. 69.

(13) Santos Titára — MEMORIAS DO GRANDE EXERCITO ALLIADO LIBERTADOR.

(14) Gustavo Barroso e J. Washt Rodrigues — UNIFORMES DO EXERCITO, Ferroud, Paris, 1922.

(15) Bormann, op. cit. vol. II, pg. 50.

(16) Saldias, op. cit. vol. V, pg. 310.

(17) Idem.

(18) Sarmiento, op. cit.

A ENERGIA DE HONORIO HERMETO

"O Brasil, durante a barbárie e a post-barbárie platina, se impunha pela força moral. Nada pinta melhor a nossa attitude de civilizados, mas que sabem fazer-se respeitar, do que um incidente occorrido entre Honorio Hermeto e Urquiza.

. . . .

Frente a frente um do outro, o poderoso caudilho, que iria morrer combatendo sósinho contra sessenta assassinos, e em cujo animo heroico nunca entrou nem de longe o medo, e o moço brasileiro que nunca empunhára uma espada, dir-se-ia imminente o desfecho do conflicto pessoal."

(BAPTISTA PEREIRA — *"Civilisação contra Barbárie"*).

Urquiza desconhecia completamente os menores rudimentos da arte militar. Sua ignorancia era igual áquella admiravelmente documentada numa famosa carta apocrypha de D. Venancio Flores, que figura como dirigida por elle do Paraguai á esposa. Nella, se diz o seguinte: "Todo se hace por calculos matematicos; y en levantar planos y medir distancias, y tirar lineas, y mirar el cielo, se pierde el tiempo mas precioso; figurate que las principales operaciones de guerra se han ejecutado en el tablero de un ajedrez!" (1). D. Justo rezava pela mesma cartilha. Era "o typo herculeo do caudilho, que já tivera a sua encarnação apollinea em Rosas. Sua physionomia respira decisão e audacia. Embora abeberado da astucia esparsa na athmosphera do meio em que nasceu, é capaz de dominar-se. Nas fintas e escaramuças

dos prelios politicos move-se com uma rara capacidade de dissimulação. A sua malicia é proverbial" (2).

Seu exercito era uma malta de milicianos, indisciplinados e pouco limpos. A's portas de Buenos Aires, a divisão de Aquino revolta-se e passa-se para o inimigo. Antes, já havia desertado um esquadrão da cavallaria de Hornos e outro da de Susviela. A incapacidade militar de Urquiza traduzia-se nos factos reveladores de que não possuia a menor noção do commando em chefe dum exercito em campanha. Não havia general de dia, nem rondas, nem patrulhas, nem avançadas, nem ordem do dia, nem estado-maior, escreve um historiador (3). Sarmiento declara francamente: "Este lujo inaudito de barbárie y de desorden se hacia en presencia de brasileros y orientales que en sus campos respectivos estaban en regla (4)".

O caudilho entreriano, embora apparentemente zombasse dos generaes veteranos, que procurava diminuir com o appellido de FUNDILHOS CAÍDOS, no fundo respeitava-os, como respeitava quem tinha força moral para

repellir-lhe os impetos violentos. A nota do Imperio declarando, terminantemente, que "com elle, sem elle ou contra elle entraria em campanha" (5), obrigou-o a decidir-se contra Rosas. Caxias impôz-se-lhe pela energia calma. Osorio provocou-lhe a estima e a admiração pela sua coragem desmedida. E, quando era hora de acampar, na marcha para Buenos Aires, o caudilho perguntava onde pousavam os brasileiros e accrescentava:

— Ponham a porta da minha barraca para esse lado, afim de eu poder escapar esta noite, si houver sorpresa, pois nós, os gaúchos, somente sabemos sorpreender ou ser sorpreendidos (6).

Comtudo, fóra dos momentos de perigo, bravateava como verdadeiro entreriano que era.

Uma dessas bravatas saío-lhe mal. Era em Buenos Aires conquistada, que o caudilho, pretenso libertador, de novo ensanguentava. Urquiza conferenciava com Honorio Hermeto Carneiro Leão, futuro marquez do Paraná. O brasileiro moreno e magro parecia ain-

da mais moreno e mais magro ante o herculeo gaúcho, cujo olhar de milhafre procurava dominal-o. Não estão de accordo sobre um ponto qualquer e o discutem. D. Justo nunca foi contrariado. Irrita-se.

— Ora, o Imperio! diz. A minha alliança firmou-o, porque com ella o Brasil derribou a Rosas que estipendiava jornaes opposicionistas no Rio de Janeiro e alimentava o republicanismo dos Farrapos do Rio Grande.

Nervoso, agudo, as narinas tremendo, Carneiro Leão pôz-se de pé. O gaúcho semibarbaro ia vêr que somma de energia, de coragem e de audacia havia naquelle corpo franzino que elle julgára desprezar. O diplomata brasileiro altivamente repellio a affirmativa pretenciosa. O imperio punha abaixo caudilhos e não precisava delles, nem os temia. Era sufficientemente forte para impedir sua propria fragmentação, como o demonstrára através da historia, sem carecer de allianças com as gentes que pagava e que, desta ou daquella maneira, lhe obedeciam. A missão do Imperio era de ordem e paz, alta-

mente civilizadora. E um dia isso haveria de ser proclamado.

Urquiza replicou-lhe, alteando a voz. Honorio Hermeto contadictou-o em tom áspero e decidido. O caudilho gritou. O diplomata cresceu para elle, tremulo e em brados. D. Justo, espumando de raiva, num desses momentos em que todos e tudo em volta delle tremiam de pavor, trovejou, possésso, algumas injurias ao Brasil, que se vangloriava de invadir, apoderando-se num golpe de mão, de todo o Sul. E o pequeno, magro e trigueiro adversario trovejou mais forte do que elle, as pupillas relampeando, os punhos cerrados, terrivel tambem!

— O Brasil não teme os caudilhismos bárbaros! vociferou. Mesmo sem o Rio Grande do Sul, republicanizado ou conquistado, sobram-lhe recursos para dominar a rebeldia e expulsar a xicote os invasores!

— A xicote! ouvio? A xicote! uivou, apopletico, ao pé de Urquiza esfogueado.

Em volta, os assistentes mudos, gelados, esperavam um triste desfecho áquella scena. "A um canto, pallido, mas sereno, José Ma-

ria da Silva Paranhos, braços cruzados, estampava no rosto marmóreo a dignidade offendida dum patricio romano ante um bestiario da Sarmacia" (7).

D. Justo José de Urquiza mirou a Honorio Hermeto com admiração, não disse mais uma palavra e saío (8).

---

(1) Thompson — LA GUERRA DEL PARAGUAY, Palumbo, Buenos Aires, 1910, pg. 94.

(2) Baptista Pereira — CIVILIZAÇÃO CONTRA BARBARIE, S. Paulo, 1928, pg. 126.

(3) Bormann — ROSAS E O EXERCITO ALLIADO, Rio de Janeiro, 1913, vol. II, pg. 55.

(4) Sarmiento — CAMPAÑA EN EL EJERCITO GRANDE ALIADO.

(5) Idem.

(6) Bormann, idem, pg. 77 e Sarmiento, idem.

(7) Baptista Pereira, idem, pg. 136.

(8) Sobre esse incidente historico, lêr especialmente o officio confidencial de Honorio Hermeto ao governo imperial, datado de 4 de março de 1852, que o refere com attenuantes.

A DESPEDIDA DOS BRASILEIROS

"Viva la Confederación Argentina!

El Gobernador y Capitán General de Entre Rios, General em Jefe del Ejercito Aliado Libertador.

A la División Auxiliar del Brasil:

Proclama. — Brasileiros: La justicia, la libertad y la gloria os trajeron al Rio de la Plata, y cooperasteis a la salvación de dos Republicas, y a la ruina de sus tiranos. Gracias e imperecedero honor para vosotros y vuestros hijos!

Veteranos del Imperio: El amor, la admiración y la gratitud de estos paises, se asocian hoy a vuestra tierna despedida. Llemásteis el compromiso santo de aliados de la libertad, os habeis granjeado las simpatias del mundo y asegurado al porvenir la dignidad de nuestra patria. Inamovibles columnas de la Majestad Imperial, sobre vuestros hombros será ella imperdurable. Y se honrará siempre en proclamarlo asi vuestro leal amigo y compañero de armas.

Justo José de Urquiza."

Emquanto a divisão de Marques de Sousa brilhantemente cooperava com os entrerianos e correntinos de Urquiza e de Virasoro decidindo do exito da batalha dos Santos Logares que dera no chão com o tyranno Rosas, Caxias ficára na Colonia do Sacramento, em frente á capital argentina, com o exercito imperial denominado de reserva. Si a resistencia dos federaes se prolongasse, elle deveria dar o desembarque no territorio inimigo, occupar a cidade e atacar as tropas rosistas pela rectaguarda. A chave das operações finaes estava nas mãos do chefe brasileiro. Mas nada disso aconteceu, porque D. Juan Manuel, mal se sentio derrotado, fugio e Buenos Aires capitulou sem dar um tiro, apenas della se approximaram os soldados libertadores. Todavia, logo que ouvio o troar da artilharia para o la-

do de Caseros, o conde fez embarcar as suas divisões, que voltaram pouco tempo depois para terra em vista da communicação urgente de Grenfell: Buenos Aires entregou-se (1).

O desembarque e o ataque a Buenos Aires não seriam feitos ás apalpadellas. Caxias era dos capitães dignos de louvor do grande épico, porque de tudo cuidava. Elle fizéra, pessoalmente, pouco dias antes, o reconhecimento do littoral portenho. A bordo do vapor AFFONSO, que levava o pavilhão do chefe Grenfell, de manhã muito cêdo, o commandante do nosso exercito penetrára audaciosamente no porto inimigo. A nave brasileira vinha preparada para toda e qualquer eventualidade, os morrões accêsos, a tripulação nos seus postos de combate. Porem, como que tomados de espanto, nem os navios da esquadrilha de Brown, fundeados a pequena distancia, nem as baterias da praia tentaram a menor demonstração hostil contra a capitánea imperial.

Ao avistarem as insignias de Caxias e de Grenfell no tópe dos mastros do AFFONSO, as canhonheiras das estações navaes inglêsa,

francêsa e sarda salvaram com suas peças os dois chefes da expedição do Brasil. Grenfell respondeu-lhes aos cumprimentos com a sua artilharia e mandou um ajudante de ordens visital-os em seu nome e no do conde. O escaler que conduzia esse official atravessou o ancoradouro da esquadrilha rosista, passando serenamente entre seus navios, sem que fôsse incommodado... (2). Os cáes estavam pejados de curiosos; as praias, cobertas de gente. O official, na volta, approximou-se do littoral e atirou á multidão pacotes de boletins e proclamações contra o tyranno...

Depois de ter detidamente examinado o que quiz em Buenos Aires, Caxias regressou ao seu acampamento da Colonia e esperou os acontecimentos.

Após a occupação de Buenos Aires pelo exercito libertador, o conde voltou a essa cidade. Transportou-o novamente o AFFONSO, trazendo mais a bordo o 2.° batalhão de infantaria. O desembarque do commandante em chefe realizou-se nas cercanias de Palermo, quinta onde residira o despota. O ba-

talhão ficou embarcado. Um dos ricos e macios côches de Rosas esperava o general, cercado por numerosa e brilhante escolta. E, assim, elle chegou á presença de Urquiza que o recebeu com todas as honras, declarando-lhe em voz alta que devia a victoria, em grande parte, á divisão brasileira e que deixaria testemunhado isso com sua propria firma em documento publico.

Grenfell acompanhava Caxias e recebeu sua parte de elogios pela passagem de Toneleros. Ambos manifestaram o desejo de visitar o campo de batalha de Caseros e até lá fôram conduzidos, ainda encontrando no pateo das famosas casas de sotéa, insepultos, os cadaveres dos mais bravos defensores da tyrannia.

O conde de Caxias demorou-se alguns dias na capital argentina, recebendo onde quer que fôsse visto ruidosas, enthusiasticas manifestações populares. Conversou com Honorio Hermeto, enviado especial do governo do imperio, deu as ordens de partida a Marques de Sousa e retirou-se para a Colonia do Sacramento no dia 11 de fevereiro. Deixára a

entrada triunfal do dia 18 para ser gosada por aquelles que, com seu sangue, tinham conquistado esse direito (3).

Urquiza escreveu uma proclamação á divisão brasileira que para sempre a cobrio de gloria. Reconhecia a sua efficiencia na obtenção da victoria e hypothecava-lhe a gratidão de sua patria, cuja dignidade fôra por ella assegurada para o futuro. Espalhada em boletins, pregada pelas esquinas, ella alvoroçára o povo portenho, que começava a embirrar com as attitudes do capitão general de Entre Rios. Então, foi preparada uma grande manifestação aos brasileiros que partiam.

Realizou-se o embarque nos transportes de Grenfell no dia 1.° de março de 1852. As ruas estavam atapetadas de folhagens; as casas, embandeiradas; as janellas, cheias de damas que atiravam flôres ou batiam palmas. As duas brigadas de caçadores a pé, os esquadrões de lanceiros e clavineiros de Osorio, o regimento de artilharia a cavallo de Fontes marchavam garbosamente ao som das musicas militares, acompanhados por uma multi-

dão immensa que os victoriava. Premidos, empurrados, abraçados, quasi perdendo a formatura, chegaram até o ponto de embarque.

"Emfim, escreve Bormann, o general Marques de Sousa embarcou em um bote com seu estado maior e dirigio-se ao navio que o devia conduzir, e alli chegou sempre acclamado pela enorme multidão, da qual se destacavam centenas de senhoras e senhoritas, que, agitando seus lenços, enviavam ao heroico general os adeuses da despedida" (4).

E nos olhos do futuro batalhador ardente de Curupaiti brilharam algumas lagrimas de emoção. Elle sentia que "levava sobre sua cabeça e sobre a de seus soldados as bençãos de todo um povo agradecido" (5).

---

(1) Bormann — ROSAS E O EXERCITO ALLIADO, Rio de Janeiro, 1913, vol. II, pg. 126.

(2) Idem. pgs. 57 a 59.

(3) Idem, pgs. 133 a 135.

(4) Idem, pgs. 145 a 150.

(5) Expressões textuaes do manifesto de gratidão ao Brasil votado pela HONORABLE SALA DE LOS REPRESENTANTES de Buenos Aires, em setembro de 1852.

A GRATIDÃO DE MONTEVIDÉO

"Um macaco, fardado de soldado brasileiro, foi conduzido pelas ruas ao som do hymno de Caxias..."

(SIBER — *"Ruckblick auf den Krieg Gegen Rosas," traducção de* Alfredo de Carvalho).

Depois de ter penado nove annos sitiada por Oribe, vendo no meio das angustias da fome o espectro ameaçador de Rosas que ameaçava afogar em sangue a nação uruguaia, Montevidéo foi libertada pelo Brasil. A historia prova que, sem o Imperio, Urquiza não se teria movido contra o collega portenho e que a sua chegada em primeiro logar á vista da cidade somente determinou a capitulação compadresca do Corta-Cabeças, porque este sentia atraz das desorganisadas milicias entrerianas os dezeseis mil veteranos sólidos e organizados de Caxias. E este, segundo o affirma Siber, que o detestava, onde quer que se achasse, dominava a ordem na administração e a firmeza na direcção das tropas (1).

Intervindo nos negocios do Prata, afim

de fazer cessar um regimen deshumano, em nome da civilização pelo Tigre de Palermo e seus asséclas, o Brasil assumira papel nobilitante e realizára obra meritoria que a França e a Inglaterra tinham tentado sem exito. Entretanto, a gratidão dos libertados não foi duradoura...

Expulso Rosas, pacificado o Uruguai, vinda de Buenos Aires a divisão de Marques de Sousa, o exercito brasileiro demorou-se alguns dias em Montevidéo, preparando-se para regressar ao Rio Grande. A cidade estava dominada pelos BLANCOS. Não a tinham conquistado pelas armas de Oribe, mas della insidiosamente se apoderaram pelas manobras da politica, pouco depois de levantado o cêrco. E o governo esperava os batalhões de Cesar Diaz para blasonar maior nacionalismo ainda do que o que ardia sob as cinzas da dissimulação, louco por vêr pelas costas o conde de Caxias.

Emfim, numa dôce manhã de sol, o exercito deixou a cidade. A sua brilhante cavallaria galopou para os pampas verdes, ponchos

ao vento, os galhardetes rubros das lanças farfalhando. A sua infantaria caminhou em filas cerradas e, no meio della, o 15.º batalhão composto de allemães, no qual Siber servia como capitão. Eram os remanescentes do exercito de Schleswig Holstein, licenciado após a terminação da guerra dos ducados do Elba, contractados na Europa por Sebastião do Rego Barros. Caxias oppuzera-se no senado vehementemente a essa medida, lembrando o que se passára com os mercenarios de Pedro I. Surdo á sua opposição, o governo organizára um batalhão de infantaria, um de artilharia e um corpo de pontoneiros. Commandante em chefe do exercito, o conde puzera-os em segunda plaina e acabára por dissolver os pontoneiros e reduzir os artilheiros á expressão mais simples, tendo descoberto que, enfastiados pela inacção, saudosos da patria, insulados em meio differente do seu proprio e ávidos de dinheiro, tinham entabolado, na Colonia do Sacramento, negociações com Rosas para uma deserção em massa (2). Desse batalhão 15 de fusileiros, armados de fusis de retro-carga e agulha Dreise, modelo

de 1841, emquanto que os infantes e caçadores das outras unidades tinham espingardas e carabinas Barnett de carregar pela bôca, somente oitenta atiradores escolhidos tomaram parte na batalha de Monte-Caseros (3). Seguia-se á infantaria o famoso regimento de artilharia a cavallo com dezeseis peças atreladas. Depois, as outras unidades da mesma arma e o trem, guardado por forças da Guarda Nacional: galeras, forjas de campanha, carros manchêgos, viaturas de toda a especie conduzindo os viveres, as bagagens, os feridos, as munições e os enfermos sob a direcção do Deputado do Quartel Mestre General. E os gringos traficantes, e os tangedores de gado com suas pontas e manadas, e as chinas bellicosas, e os cadetes preguicentos e indisciplinados nos seus magros cavallos de aluguel...

Saío o exercito da cidade ao som marcial do dobrado Marcha de Caxias, composto em honra do general em chefe pelo mestre da banda do 7.º batalhão de caçadores e caminhou pela planicie uruguaia afóra. A paisagem era de uma fatigante monotonia verde.

Sempre igual, sempre a mesma. O sólo raramente cortado de pequenas depressões, no fundo das quaes alumiavam os córregos ou as sangas enxarcadas. Coxilhas e coxilhas, lombadas e lombadas a perder de vista, tudo coberto pela verde pelucia da relva. Enfarava.

Eis como Siber descreve a marcha: "...o chiar das pesadas carretas e o grito dos carreteiros eram os unicos ruidos que se percebiam na movimentação de tanta gente. Nenhum canto alacre animava o espirito do fatigado pedestre, nenhum signal audivel de interesse ou de sorpresa se deixava perceber, a não ser quando algum dos officiaes, dos que cavalgavam á esquerda da columna de marcha, ou algum desoccupado da fila do comboio, dava caça a uma perdiz que levantava o vôo da relva, ou quando alguns tangedores passavam em perseguição a cavallos desgarrados. Todos proseguiam, taciturnos e indolentes, através dos campos uniformes, como um cortejo de variegados comediantes que atravessam o palco, e desapparecem por traz dos bastidores (4)".

Assim, atravessavam os pampas tediosos

esses soldados que o mesmo autor, apesar da sua má vontade, declara admiraveis em supportar privações, sóbrios e resignados, cujo insigne asseio estava acima de qualquer louvor, cuja disciplina poderia servir de exemplo a qualquer soldado europeu (5).

Realizada a primeira etapa da marcha, a corneta do quartel general de Caxias deu o toque de "acampar". Era na lombada duma vasta coxilha, perto de cinco leguas da capital uruguaia. Grandes, frondosos umbús sombreavam o campo. Um riacho babujava-se de espumas, muito transparente, entre caniços. Os clarins e cornetas de todas as divisões repetiram o signal e a dilatada columna desenvolveu sua linha pelos prados. As divisões obliquaram á direita, dando a rectaguarda para o pequeno curso de agua. Os ajudantes dos generaes commandantes indicaram a cada unidade o sitio do seu acampamento. As cavallarias occuparam os intervallos das brigadas de infantaria, guarnecêram-se os flancos, e as columnas de companhia de cada batalhão armaram suas barracas, medidas as distancias a passo pelos sargentos, as musicas nas li-

nhas de frente após o corpo da guarda, os estados maiores na cauda, todas as tendas formando uma praça para as revistas da manhã e da noite. E tudo foi feito com admiravel rapidez e extraordinaria regularidade. Era, em verdade, um exercito de veteranos (6).

Distribuiram-se as avançadas, os piquetes de cavallaria para ronda e vigilancia, as sentinellas perdidas nas eminencias do terreno. O conde de Caxias visitou os doentes e feridos. Somente depois de tudo estar provindenciado, é que o general em chefe mandou armar a sua barraca, ampla e listrada de azul e branco (7).

Caxias convidou o official que commandava sua guarda de pessôa para jantar com elle e seu estado maior. O exercito recebeu as rações. Accendêram-se as fogueiras. A soldadêsca churrasqueou. E dentro em pouco o acompamento se povoava de sons de viola e de violão, de cantigas de desafio e de modinhas amorosas.

Por esse tempo, uma multidão ullulante percorria as ruas da capital uruguaia, feste-

jando a partida de seus desinteressados libertadores. A mó de povo delirava, uivando as peores diatribes contra o Brasil e os brasileiros. A' frente della, um engraçado levava ao hombro um macaco fardado com o uniforme do nosso exercito. Atraz delle, uma charanga desafinada tocava a Marcha de Caxias e os MORRAS explodiam de toda a parte. Passando deante da legação imperial, toda fechada, a canalha quebrou-lhe as vidraças a pedradas... (8).

Foi essa a gratidão de Montevidéo.

---

(1) Siber — RETROSPECTO DA GUERRA CONTRA ROSAS, traduzido do allemão por Alfredo de Carvalho, edição da Empreza Litteraria e Typographica, Porto, 1916, pg. 42.

(2) Idem, pg. 49. Saldias — HISTORIA DE LA CONFEDERACIÓN ARGENTINA, La Facultad, Buenos Aires, 1911, vol. V, pg. 294.

(3) Idem, pg. 34. O Museu Historico Nacional possúe, admiravelmente conservados, os fusis Barnett e Dreise dessa epoca.

(4) Idem, pg. 59.

(5) Idem, 28 e 29.

(6) Os mais infimos pormenores technicos da maneira de acampar do nosso exercito podem ser lidos na op. cit., pgs. 64 e 65.

(7) Idem, pg. 72. Siber guardou de memoria até as côres da lona da tenda de Caxias. Sente-se que o conde o impressionou.

(8) Idem, pg. 55.

O CONVIDADO DESCONHECIDO

"Cierto es que dije que no recibia visitas ni las hacia, por no tener recursos, ni tiempo para ello: que el lord Palmerston me visitaba y que yo le visitaba tambien una vez por año."

(Carta de Rosas a D. Josefa Gómez, datada de 20 de setembro de 1866).

O CONFLICT atravessou o oceano com felicidade e fundeou em Plymouth no dia 5 de abril de 1852. Rosas e Manuelita desembarcaram, sendo recebidos com tantas honras pelas autoridades que o facto motivou uma interpellação na Camara dos Lords. Lord Northumberland, presidente do conselho de ministros, deu as explicações necessarias: tratava-se dum refugiado politico de alta categoria e, como o governo inglês fortemente o combatera no poder, devia ser o mais cortez possivel na desgraça. A Camara applaudio-o.

Rosas communicou em carta a Lord Granville, ministro de estrangeiros, seu desejo de estabelecer-se definitivamente na Inglaterra. Respondeu-lhe o ministro do interior, Lord Malmesbury, dizendo-lhe que poderia residir onde achasse mais conveniente e garantindo-lhe a protecção das leis inglêsas.

Estava Rosas em precarias condições de fortuna. O homem que dominára completatamente a Argentina durante vinte e cinco annos, via-se no exilio com os minguados recursos que sua filha pudera apanhar na hora apressada da fuga. O governo que lhe succedêra immediatamente confiscára todos os seus bens. Um amigo conseguio salvar do arresto a pequena estancia de San Martin e vendêl-a. Ao terminar a ultima quota do que trouxera Manuelita em oiro e joias, chegou esse auxilio inesperado, graças ao qual a fome não bateu á porta do tyranno apeado, que a milhares de pessôas perseguira e matára, porem a outros milhares protegêra e enriquecêra.

Com esse dinheiro, D. Juan Manuel alugou ao seu amigo lord Palmerston um terreno de cerca de cento e cincoenta acres nas proximidades de Southampton, no logar denominado Swartkling, á beira da estrada. Desbastou-o da vegetação inutil, aplainou-o, construio uma casa singela, galpões, ranchos e latadas, alevantou cercas, plantou arvores fructiferas e comprou um par de vacas e meia

duzia de cabras, ovelhas e porcos. Voltou a ser o estancieiro de outrora nas acanhadas proporções que lhe permittia um condado britannico. Faltava-lhe a amplidão selvagem do pampa sem duvida; mas findava sua vida como a principiára: nas lides do campo, curvado para a terra productora.

Solitario e resignado, pelo menos sem queixas desesperantes, alli viveu vinte e cinco annos, tantos quantos dominára pelo terror. Parece que a criação e o terreno não produziam grande coisa, porque, apesar de sua modestia e frugalidade, se vio muitas vezes obrigado a implorar a caridade alheia. Suas cartas aos raros amigos da Argentina alludem sempre ás suas "tristes circumstancias".

Muitas e muitas vezes, a miseria roçava nelle suas asas negras. Os amigos que concorriam com o seu óbulo para amenizar-lhe a pobreza do exilio rareavam continuamente, mesmo as amigas, mais generosas e fieis, que lhe remettiam, cotizando-se, algumas onças de oiro por trimestre. Nos dias de maior penuria, D. Juan Manuel abria o seu guarda roupa, tirava a brilhante farda azul de ca-

pitão general, o riquissimo uniforme das paradas faúlhantes de antanho, arrancava um dos botões de oiro massiço, dava-o a Mery, seu dedicado servidor, e mandava vendêl-o na cidade. Não se lhe via brilhar uma lagrima nos olhos azúes, mas sentia-se que a dor lhe varava a alma (1). Os amigos fôram desapparecendo um a um e afinal somente lhe restou aquelle que, embora distante, jamais lhe haveria de faltar: o fidelissimo D. José Maria Rojas y Patrón, com quem activamente se correspondia e em cujo coração sincero vasava algumas de suas amarguras (2). Nos ultimos tempos, o exilado recorreu até a subscripções e chegou a implorar os soccorros de Urquiza, que lhe enviou a bella somma de mil libras esterlinas (3).

A sua casa era coberta de colmo e tinha dois pavimentos. Janellas largas. Grande chaminé de tijolo. Uma cerca de buxo aparado em volta. Cancella de madeira. Um álamo ao canto (4). Dentro, a maior simplicidade, o necessario.

Rosas passava os dias de botas e esporas, montado a cavallo, ou passeiando, ou vendo

os trabalhos de sua pequena quinta e nelles tomando activa parte, lia muito e pensou em escrever suas memorias. Emmagreceu. A neve do tempo derramou-se sobre sua cabeça e escorreu pelas costelletas longas que lhe emmolduravam o rosto. A velhice não lhe conspurcou a belleza máscula. Modificou-a. Deu-lhe outro aspecto. Perdêra na pobreza o esmero de outrora. Confessava numa carta passar oito dias sem fazer a barba por medida de economia.

A maior solidão o rodeava. Não recebia nem fazia visitas. Uma vez por anno, vinham vêl-o e compartilhar o seu magro jantar lord Palmerston e o cardeal Wiseman. Então, Manuelita punha a melhor toalha na mesa' o criado Mery vestia sua velha casaca e abria uma garrafa de vinho. E, nessa pequena reunião, Rosas falava de seu passado e fazia sempre algum gracejo que divertia seus hospedes.

Em 1868, quando Francisco Solano López, definitivamente batido após tres annos de resistencia, demandava as Cordilheiras e o

exercito imperial entrára em Assumpção, triunfalmente, como o fizéra antes em Montevidéo e Buenos Aires, no dia desse jantar annual, Rosas recordou os bons tempos de Palermo e de seus bufões terriveis, e fez uma das suas burlas costumeiras. Quando elle, Manuelita e os dois hospedes se sentaram á mesa, via-se na mesma um logar vasio: cadeira, prato, talher, copo, guardanapo; somente faltava o conviva. Mery servio a sôpa. Ao vir o assado, lord Palmerston, muito curioso, não se conteve e indagou:

— General, quem o senhor convidou para o nosso jantar annual e que se não dignou de vir?

Rosas retrucou com o melhor dos seus sorrisos:

— Os senhores têm lido as ultimas noticias da guerra entre o Imperio do Brasil e Solano López?

— Naturalmente. Todos nós as conhecemos, declarou o cardeal.

E D. Juan Manuel, perversamente:

— Pois bem. Este logar á mesa do exilio está reservado para o meu collega do Pa-

raguai, quando o Imperio o puzer para fóra. Vou ter agradavel companhia... (5).

---

(1) Ramos Mejia — ROSAS Y SU TIEMPO, Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, vol. III, pgs., 12 e 13.

(2) Idem, vol. I, pg. 41.

(3) Saldias — HISTORIA DE LA CONFEDERACIÓN ARGENTINA, La Facultad, Buenos Aires, 1911, vol. V, pg. 343.

(4) O Museu Historico Nacional de Buenos Aires possúe reproducções dessa casa, vista de varios lados.

(5) Todas as minucias sobre o exilio de Rosas fôram estudadas em Saldias, op. cit. vol. V, pgs. 330 em deante. A anecdota aqui narrada se acha na revista carioca SEMANA ILLUSTRADA da epoca da guerra do Paraguai, cuja collecção póde ser consultada na Bibliotheca Nacional, ou no Museu Historico Nacional.

Como paragrapho final de nossas notas, vale a pena transcrever a parte da obra de Saldias (vol. V, pg. 349) em que este panegyrista de Rosas conta-lhe o fim: "Uma tarde do mez de março de 1877, em que regressou mais cedo do que costumava, teve de montar novamente a cavallo, para ir vêr como guardavam os animaes. Quando voltou para casa, começou a tossir. A' noite, teve febre. Seu amigo, o doutor Wibbling, declarou-o com uma congestão pulmonar, gravissima na sua idade. Sua amorosa filha veio logo fazer-lhe companhia. No dia seguinte, augmentou a tosse, expectorou bastante sangue e sentio-se continuamente muito abatido. Na manhã de 14 de março, a filha perguntou-lhe como se sentia. Rosas olhou-a ternamente. — "Não sei, menina", disse, — e morreu. De accordo com suas disposições, o cadaver de Rosas foi transportado da chacara de Swartkling para a capella catholica de Southampton, e no dia immediato levado para o cemiterio dessa cidade. Sobre o caixão de carvalho se via a bandeira argentina que tremulou na Campanha da Serra, que lhe tinha sido dada pelo coronel Arenales, filho do general do mesmo nome, e a espada que o Libertador San Martin usára em suas campanhas e lhe deixára em testamento. Uma unica carruagem acompanhava o enterro".

INQUERITOS SOBRE A RUSSIA

Publicados:

1 — D. João Becker — **O Communismo Russo e a Civilisação Christã.**

2 — Jorge Le Fevre — **No Paiz dos Soviets.**

A seguir:

3 — Jorge Popoff — **A Tschéka.**

Edições da LIVRARIA DO GLOBO
Porto Alegre — Santa Maria — Pelotas